LAL 2445

Carmen Lemos Coutinho

A Foicinha Voadora

087
C871f
1959

INDICE

Páginas

A SERRA DAS TRÊS TORRES 17

A INFANCIA DE NAZARIO 23

A SAUDADE DE MURIEL 31

O GRANDE MORCÉGO 37

OS POLVOS TERRESTRES 43

O PALÁCIO NATURAL 47

ALMA DA SERRA 53

A FOICINHA VOADORA 57

CANARIO E O POÇO SEM FUNDO 63

O BEM-TE-VI 69

A CAVERNA DAS SERPENTES 73

A COBRA-CEGA 77

O OURIÇO-MONSTRO 81

A FONTE DO AMOR 87

A FLOR DE BRILHANTE 91

O REINO DAS TRÊS TÔRRES 97

028.5
C871f
1959
AL

CARMEN LEMOS COUTINHO

A FOICINHA VOADORA

Música de ANGÉLICA DE REZENDE

Ilustrações de ELZA COELHO CORRÊA PINTO

Ac. 164092

U.F.M.G. - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

29840901

NÃO DANIFIQUE ESTA ETIQUETA

Carneiro & Cia. Editôres
BELO HORIZONTE
1959

DA MESMA AUTORA

O CORVO APAIXONADO
A PRINCESA DAS ÁGUAS
O ANEL DE LUANA
CABELO DE MILHO
ANA CLARA, A FLOR DO LAGO

A SAIR

Páginas

Série A, da COLEÇÃO CARNEIRO:

1 — A PRINCESA DE ONZE DEDOS
2 — NEUSANGELA
3 — A PRETINHA ALBERTINA
4 — O MACACO, A ONÇA E O BEM-TE-VI
5 — O NATAL DE DEDINHO-MINDINHO

Série A, da COLEÇÃO CARNEIRINHO:

1 — PASSEIO COM SÃO JORGE
2 — OS AVIÕEZINHOS DO CÉU
3 — COELHINHO SEM SORTE
4 — XADREZINHO
5 — BOLINHA DE OURO

À memória de meu querido pai Francisco Lemos Júnior, *artista do lápis e do pincel, que procurou desenvolver nos filhos a faculdade de sentir e amar a Beleza em tôdas as suas variadas formas, com a minha imorredoura saudade e profunda admiração.*

Belo Horizonte, 7 de maio de 1959

Carmen:

Desejando dar-lhe a minha colaboração nas histórias tão bonitas e apropriadas que, com tanto gôsto e carinho, escreveu para a infância e a juventude, entrego-lhe os temas musicais que fiz para os versos dos seus livros: «A Foicinha Voadora», «O Corvo Apaixonado», «A Princesa das Águas», «O Anel de Luana», «Cabelo de Milho» e «Ana Clara, a Flor do Lago».

Estas músicas eu as compus especialmente para seus livros e, oferecendo-as a você, irmano-me com seu grande ideal de trabalhar com entusiasmo pelo bem das crianças.

Fique certa de que me sinto feliz de ter meu nome ligado ao seu, nessa obra que vem realizando em prol da literatura infanto-juvenil.

ANGÉLICA DE REZENDE

Os temas musicais que fazem parte dêste livro, assim como dos outros citados na carta acima, devidamente harmonizados por Angélica de Rezende, deverão aparecer enfeixados em um só livro, de nosso lançamento,

NOTA DA EDITÔRA.

ÀS CRIANÇAS BRASILEIRAS

Baseada no pensamento de que vocês devem ser mais ou menos como fui, no meu tempo de criança, é que lhes entrego "A FOICINHA VOADORA".

Quando eu era pequenina, meu divertimento principal consistia em ver e ouvir contar histórias como "A Branca de Neve", "A Gata Borralheira", "A Bela e a Fera", e tantas outras que ainda vêm maravilhando aos meninos de hoje.

Tive bons contadores de histórias. Naqueles distantes tempos, nos meios infantis de que eu fazia parte, lá em MIRACEMA, a meninada passava o dia desejando que chegasse a noite, para então ouvir as histórias contadas pela Joaninha, "a moça do moinho".

Joaninha, nascida na Itália e criada no Brasil, vivia moendo café para vendê-lo aos fregueses de seus pais de criação.

A gente chegava ao balcão, comprava, pagava e recebia dela um sorriso tão doce e tão bonito! Aquelas mãos brancas e finas, que ali estavam pretas de pó de café, eram as mesmas que, horas depois, nos encantariam com seus gestos lindos e expressivos.

Ao toque da Ave-Maria, depois do jantar, as crianças iam chegando. A Joaninha nos recebia carinhosamente, sempre risonha. Nós nos assentávamos, ou melhor, nos afundávamos na sua cama alta e macia, que tinha um delicioso colchão de palhas de milho, o qual ela revolvia diàriamente para ficar bem fôfo.

Aí, então, com outros meninos acomodados num banco, ou nas cadeiras empalhadas de taboa, a Joaninha se ajeitava num tamborete e começava a nos contar os CONTOS DA CAROCHINHA.

Nós ficávamos tão felizes e distraídos, que nem víamos o tempo passar...

Alguns anos depois, sem a Joaninha que se casara e mudara para longe, apareceu na nossa rua, a Rua das Flôres, o Vovô Pacheco, que era avô da minha saudosa amiguinha Cléa.

A casa de Cléa tinha uma escada de cimento que vinha dar em cima do passeio. Vovô Pacheco se assentava na parte superior e os ouvintes se espalhavam pelos oito ou dez degraus abaixo. Não havia frio que nos tirasse da escada gelada e dura, enquanto êle não acabasse de contar as histórias das MIL E UMA NOITES, que sabia contar tão bem!

A mãe de minha companheira inteligente, espirituosa e baixotinha, a Nenen, também contava histórias, que eram sempre intercaladas de versos, alguns dos quais declamados e a maioria cantados. Como a gente gostava de ouvir e decorar aquêles versos!

Nas noites chuvosas, minha mãe, constantemente ocupada, deixava de lado as costuras ou os bordados, e con-

tava para mim e minhas maninhas — a Esmeralda e a Otinaa — tôdas as interessantes histórias que aprendera no seu tempo de menina.

Foi assim a minha infância. Agora que ela ficou tão longe, tão longe, tive vontade de contar para vocês uma história nova, que nunca leram, nem escutaram. Mais tarde vocês a contarão a outras crianças.

Espero que venham a gostar de "A FOICINHA VOADORA". Caso isto aconteça, podem estar certas de que eu ficarei muito contente, muito!

A AUTORA

Belo Horizonte, agôsto de 1959.

A SERRA DAS TRÊS TORRES

Longe, no cinza azulado do horizonte, a serra imensa, a se perder de vista, apresentava um caprichoso recorte, no qual se distinguia nìtidamente o desenho de três altíssimas montanhas, cujos picos afunilados se assemelhavam a três gigantescas tôrres.

Incalculável era a distância que separava aquelas grandiosas elevações de terra, das quais a terceira era bem mais alta do que a segunda, e esta de altitude muito superior à primeira.

A Serra das Três Tôrres, como era conhecida aquela região, desde tempos antigos, dava motivos a muitos comentários, pois se dizia que ali aconteciam cousas misteriosas e apavorantes.

No lado direito da Primeira Tôrre, quase na base da mesma, em uma esplêndida baixada, via-se uma grande casa de pedra e madeira, onde moravam Canuto e sua mulher Perpétua. O casal vivia só, cuidando do rebanho. Todos seus vizinhos e amigos também eram pastôres.

A embelezar a paisagem, de um colorido deslumbrante, dada a variedade admirável das flôres, divisava-se por tôda parte a brancura dos carneiros, que se espalhavam desde o sopé da serra, até às alturas, onde se encontrava a crista da Primeira Tôrre. Duas vêzes por ano, os pastôres contavam suas ovelhas, e observavam que muitas e muitas delas haviam desaparecido de modo misterioso. Ninguém descobria como e quando se perdia tão grande parte dos rebanhos.

Para quem descia do ponto onde morava Canuto, caminhando à direita, a vegetação era abundante e variada. Mais adiante, o terreno ficava irregular, as plantas rareavam e surgiam pedras, muitas pedras, sôbre campo arenoso e espinhento, onde brotavam cactos das mais diferentes espécies. No fim dessa charneca, qual oásis no deserto, aparecia uma belíssima pastagem, com relva macia e fina, que era o regalo dos carneiros.

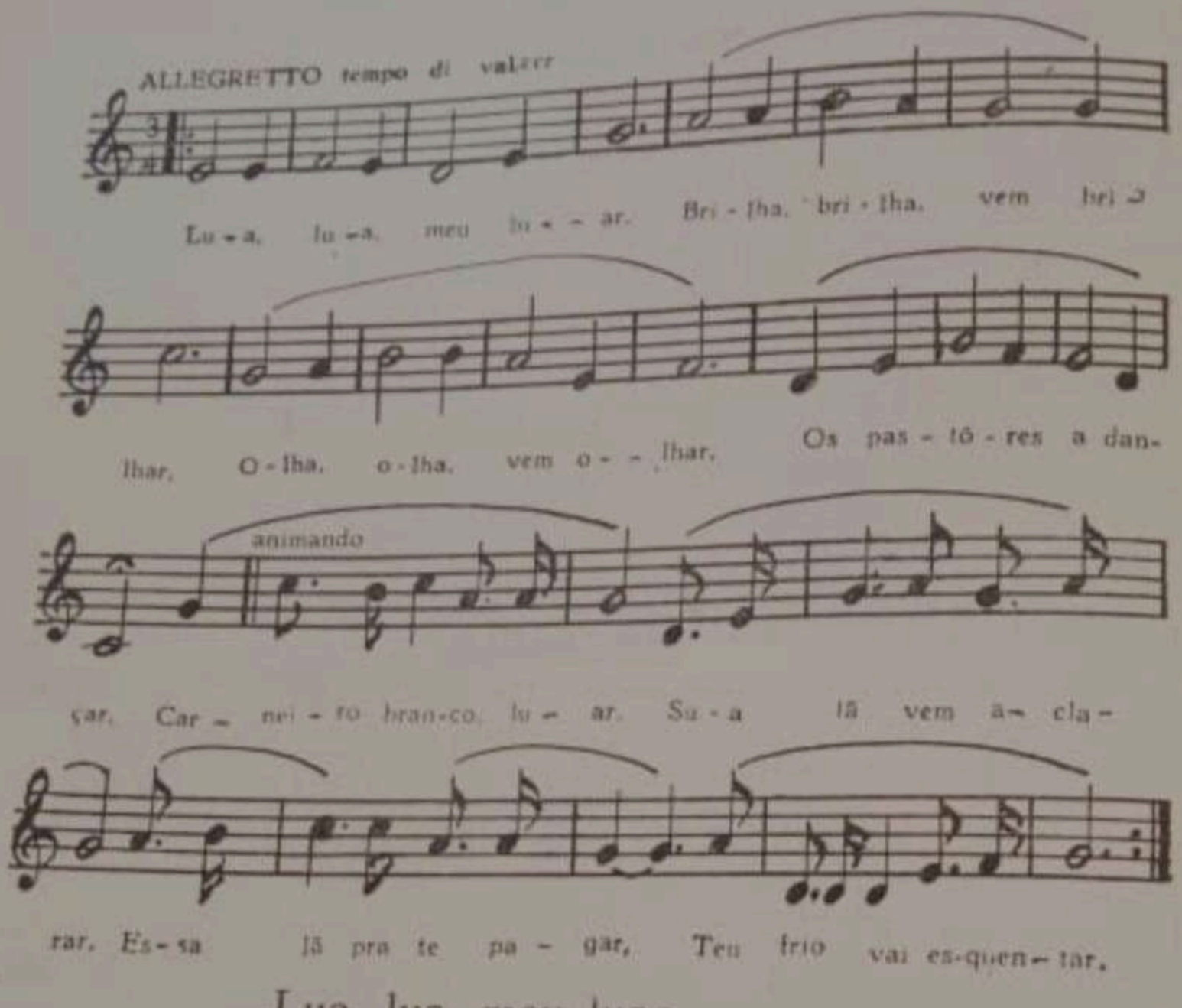
A propriedade de Canuto acabava num grande bambual situado logo depois dessa linda pastagem.

Quem se aventurasse a atravessar o bambual, poderia ver a duzentos ou trezentos metros, uma fileira

de cactos, em linha reta, formando uma cêrca natural, muito grossa, em cujo centro havia uma falha de um metro e tanto de largura. Essa abertura dava a idéia de uma porta, a qual fôra batizada com o nome de PORTA DO SUMIÇO. Só de olhá-la, à distância, os homens se benziam e ficavam cheios de temor e de respeito. Do outro lado dessa porta, havia uma descida imensa e o terreno se apertava lá no fundo, em estreita passagem, sendo esta o limite entre a Primeira e a Segunda Tôrre.

Os moradores da região deram ao lugar o nome de GARGANTA DO MISTÉRIO. Ninguém ali punha os pés, ou melhor, ninguém dos que estavam do lado de cá, porque as poucas pessoas que transpuseram a PORTA DO SUMIÇO, de lá nunca mais voltaram... A fim de que todos se prevenissem contra tanto perigo, e não se arriscassem a pisar naquelas imediações, denominaram por VOLTA AGORA à pastagem de Canuto, no fim da charneca. Todos sabiam que, chegando ali, deveriam voltar; prosseguir, nunca.

Naquele ano, o tempo correra bem e o frio fôra menos intenso. Canuto e Perpétua festejavam o seu décimo aniversário de casamento. À luz do luar, no espaçoso terreiro, em frente de sua casa, todos os convidados divertiam-se a valer. Fazia-se música e dançava-se à moda da terra. Um bom vinho era servido com fartura. Vozes belas, acompanhadas de instrumentos próprios do lugar, entoavam os versos de uma alegre música, enquanto no meio da roda, ao ritmo de muitas palmas, dançavam os moços e as môças:



Lua, lua, meu luar,
Brilha, brilha, vem brilhar,
Olha, olha, vem olhar
Os pastôres a dançar.

Carneiro branco, luar,
Sua lã vem aclarar,
Essa lã, pra te pagar,
Teu frio vai esquentar.

Tua luz, ó bom luar,
Vem a Serra clarear,
Mas também, pra te alegrar,
Nós dançamos a cantar...

Em dado momento, não obstante a música e o canto, todos ouviram um estranho ruído do outro lado da casa. Algumas pessoas correram naquela direção e depararam com um enorme embrulho, na soleira da cozinha. Quando lançaram os olhos à frente, ainda puderam ver, na estrada enluarada, um vulto alto e fino, que ia quase a voar! Parecia o fantasma de uma mulher, que, muito elegante, estava envolvida em longa e vaporosa capa, cujas dobras tinham uma mistura de matizes, como se reunisse em si o conjunto de tôdas as côres...

Os outros convidados foram chegando e viram Canuto tomar do achado, para verificar o que continha.

O embrulho era feito de largas e compridas fôlhas de uma planta desconhecida. Dentro daquelas fôlhas surgiu uma criança recém-nascida, vestida com uma camisola inacabada, na qual faltava a manga do braço direito. A camisinha era maravilhosa, de um tecido

nunca visto! Os seus fios eram de penas levíssimas, em sete lindas côres! Seriam penas de pavão? Ou de alguma ave rara?

Com fios do mesmo tecido, atada ao punho do meninozinho, encontraram uma mensagem escrita com ponteagudo espinho, sôbre uma lâmina de malacacheta:

EU ME CHAMO NAZÁRIO. CANUTO E PERPÉTUA DEVEM GUARDAR A MINHA CAMISINHA

Assim que a mensagem passou de pessoa em pessoa, ao chegar às mãos da última testemunha, um assombroso fato se deu. Boquiabertos, todos viram que as letras se desfaziam e a fôlha de malacacheta começou a se desmanchar: virou pó e... desapareceu por completo, ali mesmo, entre os dedos trêmulos, gelados, de um velho e simples pastor.

A INFANCIA DE NAZÁRIO

Canuto e Perpétua não tinham filhos e criaram o menino com todo amor e carinho. Nazário era uma criança linda, muito forte, ligeiramente morena, com fartos e encaracolados cabelos negros.

Perpétua guardava cuidadosamente a camisinha de penas, porém nunca mais a quis rever. Seu grande amor pelo filhinho adotivo fazia com que desejasse esquecer o modo tão incompreensível como fôra enjeitado, à porta de sua casa. O garotinho foi crescendo sempre robusto, muito meigo e inteligente.

Seus pais combinaram que êle ignorasse sempre ser apenas filho de criação. Tôda a vizinhança, nc princípio, tentou desvendar o segrêdo do seu nascimento. Todavia, nada se descobriu.

O tempo foi andando, e o menino, com muita graça e beleza, ia conquistando as simpatias gerais.

Ao fazer três anos de idade, recebeu um presente de todo inesperado: uma irmãzinha. Quis Deus que Canuto e Perpétua tivessem uma filha, para alegrar a vida do primeiro filho.

A menina recebeu o nome de Muriel. Muito clarinha, com magníficos cabelos louros, era um encanto de criança. Nazário vivia maravilhado com sua maninha de olhos azuis.

Muito amiguinhos, sempre brincando, sempre sadios e felizes, os dois foram crescendo, sob os cuidados e carinhos dos seus bondosos pais.

Quando Nazário completou oito anos, Canuto passou a levá-lo ao pastoreio. Êle se sentia felicíssimo em vigiar o rebanho. Também gostava de ajudar o pai a cuidar das abelhas. De vez em quando, colhia um dourado favo de mel e levava-o à querida irmãzinha.

Ao fazer dez anos, Nazário obteve licença para levar Muriel em sua companhia, quando fôsse pastorear. Os dois meninos ficaram tão amestrados como pastôres, que seu pai lhes confiou uma pequena parte do rebanho.

As crianças levavam as ovelhas lá para as bandas do VOLTA AGORA, onde as árvores eram floridas e a relva era cada vez mais verdinha e macia.

Canuto sempre as prevenia:

— Cuidado! Não passem daqui. Não cheguem perto do bambual. Daqui para trás, nunca para a frente. Lembrem-se que êste lugar se chama VOLTA AGORA.

Os meninos ouviam aquelas recomendações e ficavam cheios de receio e curiosidade. Um dia, não mais se contendo, Muriel falou:

— Nazário, se a gente fôsse até à PORTA DO SUMIÇO e desse uma espiadinha em cima da GARGANTA DO MISTÉRIO, hein?

— Você está doida, Muriel?

— Ora, Nazário, a gente olhava bem depressa e voltava correndo. Que tem isso?

Chegando a casa, Nazário contou ao pai a proposta de Muriel. O velho Canuto, preocupado, reuniu os pastôres mais velhos da Primeira Tôrre, para que contassem às crianças tudo que sabiam sôbre aquêle assunto tão triste. Começaram histórias e mais histórias:

— Coitado do Ambrósio! Jurou que voltaria para nos contar o que visse e por lá ficou para sempre.

— E o Timóteo? Êle e o compadre Macabeu saíram daqui armados até aos dentes e atravessaram a PORTA DO SUMIÇO. Triste sorte! Todos dois sumiram naquele sumidouro.

—O Antão deu pela falta de vinte ovelhas e disse que o ladrão devia estar do lado de lá. Que fêz êle? Cheio de raiva, atravessou aquela maldita porta. Nunca mais se soube notícia, dêle e das pobres ovelhas...

— O pior aconteceu com o Nabor e a Sabina. Êles estavam casados de poucos meses e, cheios de amor, saíram passeando de mãos dadas pelos campos. Tão distraídos ficaram que, sem perceber, se viram diante da PORTA DO SUMIÇO. Os pastôres, que estavam nas proximidades do VOLTA AGORA, ouviram gritos horríveis, como se milhares de braços tivessem agarrado

o infeliz casalzinho. Ninguém teve coragem de ir em seu socorro. Para quê? Lá se vão quase onze anos que isso aconteceu e nunca mais êles voltaram...

Nazário e Muriel ouviram aquelas histórias e se puseram a pensar, pensar... Quando saíam a pastorear, lá iam com seus pensamentos... Às vêzes se punham a comentar, a discutir o assunto. Felizmente se distraíam muito com os queridos carneiros.

Certa vez, passando ao lado da cachoeira, um carneiro despencou-se do alto e foi um custo para Nazário tirá-lo de lá do fundo, de entre as pedras. Em conseqüência, o pobre animal quebrou a perna e depois ficou manco. O menino, carinhosamente, passou a chamá-lo Manquitola. De tal modo se afeiçoaram um ao outro, que Manquitola mais parecia um cão, seguindo Nazário por tôda parte.

Tempos depois, morreu uma ovelha e deixou os filhinhos muito tenros ainda. O menorzinho quase morreu também; mas Muriel cuidou tanto dêle, que escapou. O cordeirinho era tão branco, com sua lã crespinha, que dava a idéia de ser coberto de penas. Por êsse motivo, Muriel apelidou-o de Penugem. Não se separava dêle, votando-lhe especial estima. Muitas vêzes, na hora de merendar, lá no pastoreio, Muriel, de brincadeira, lambusava de mel a boquinha de Penugem.

No dia em que Nazário completava onze anos e na hora em que se levantou, recebeu um presente que Canuto lhe dava. Era uma foicinha. Canuto falou assim:

— Meu filho, você está um rapazinho e já pode usar uma foice. Faça bom uso dela. Evite erguê-la para fazer o mal. Se possível, que nem um inseto seja ferido por ela. O seu emprêgo é apenas roçar o mato. Só lhe dou o direito de matar com ela algum animal, no caso de sua própria defesa, da defesa de Muriel, ou de mais alguém que lhe seja particularmente querido.

Foi uma alegria! Ao partirem os dois irmãos para o trabalho, Nazário seguiu à frente, garboso, feliz, roçando os matos, cortando espinhos, afastando os

galhos, abrindo passagem para a Bela Princesa, título com que, gentilmente, chamava sua loura irmãzinha.

Ao chegarem ao VOLTA AGORA, puseram os carneiros a pastar e se sentaram na relva, à sombra de uma árvore florida. Pouco depois, tiveram fome e comeram sua merenda: pão com mel, queijo e geléia de morangos.

Era de manhã, mas o sol estava muito quente. Nazário pôs-se a tocar flauta, uma flauta de bambu,

arrancando da mesma várias melodias de sua própria invenção. Muriel cantou, acompanhando a música; depois se aborreceu e deitou-se no capim para dormir um soninho. Nazário começou a compor uma nova canção, distraindo-se muito, quando percebeu que qualquer cousa se mexia na grama, perto de Muriel. Sempre vigilante, ergueu-se de um pulo, para ver o que era. Viu um morcêgo tentando abocanhar o pescoço da menina. Ràpidamente, apanhou a foice para abater o horrível animal. Êste, porém, levantou vôo, um vôo rasteiro, sem pressa, como quem foge sem vontade de fugir...

Com a foice erguida, Nazário saiu a perseguir o bicho. Correu, correu, e, de repente, olhou onde estava e soltou uma exclamação de espanto! Apavorado percebeu que transpusera o bambual e que, sem querer, já se achava do lado de lá da PORTA DO SUMIÇO.

A SAUDADE DE MURIEL

Com o barulho que se fêz em seu redor, Muriel despertou e ainda viu, assombrada, Nazário caminhar além do bambual, com a foice levantada, em perseguição de alguma cousa.

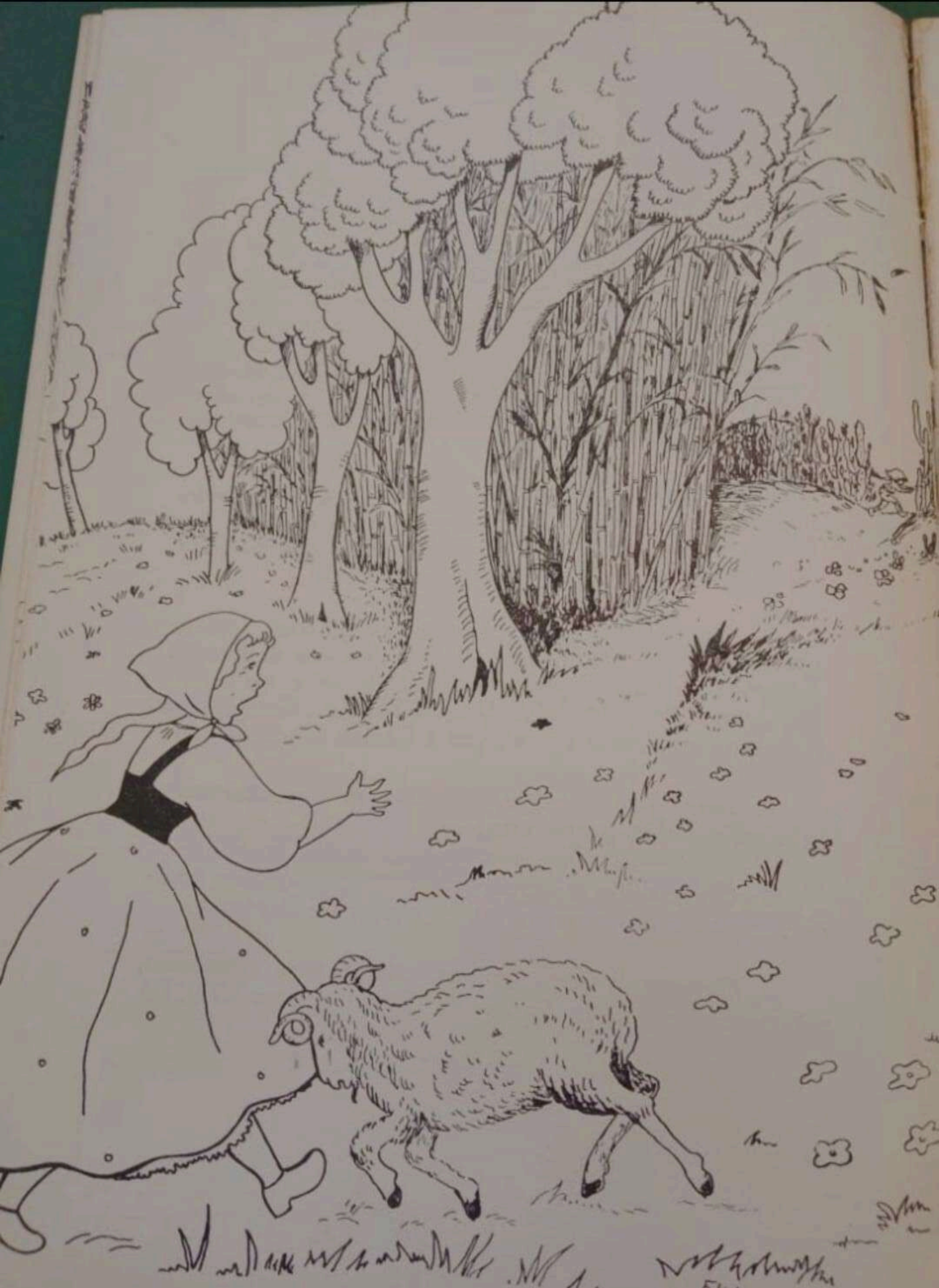
Percebendo o perigo a que se expunha o querido irmão, num gesto de amor, disparou a correr para lhe fazer companhia. Inesperadamente, levou forte marrada do Manquitola e caiu na relva, desacordada.

Os pastôres mais próximos perceberam que se passava algo de anormal e vieram em socorro de Muriel. Viram o Manquitola atravessar o bambual e, em seguida, sumir-se na PORTA DO SUMIÇO. Carregaram a menina para casa e contaram a Canuto o que sabiam.

Ao voltar a si, Muriel, muito nervosa, chorando, relatou a todos o que vira.

Os homens se benzeram. Perpétua pôs-se a soluçar, muito aflita, com os olhos cheios de lágrimas.

Canuto e seus amigos, quase sem esperança, saíram e deram uma batida na charneca e no VOLTA



AGORA, revistaram todos os cantos, as grotas, a cachoeira, as moitas, as pedras, sem encontrarem nenhum sinal de Nazário. Ao regressarem, no fim da tarde, Perpétua lhes perguntou:

— Acharam ao menos a foicinha de Nazário?

Com a resposta negativa, todos mergulharam num silêncio profundo, imaginando cada qual as piores cousas sôbre a sorte do menino.

Nisto, gritou alguém:

— Olhem! Olhem lá! Vejam quem está chegando! É o Manquitola! Vamos ao seu encontro!

Correram todos. Naquele restinho de claridade do sol-poente, os pastôres contemplaram o pobre carneiro e ficaram penalizados. Que lhe teria acontecido? Estava ensangüentado. Muitas partes de seu corpo sangravam, como se algum animal carnívoro as tivesse devorado.

Gotejando sangue, exausto, Manquitola deu mais alguns passos e caiu ao chão. Estava morto.

Só aí perceberam que, no seu pé manco, trazia amarrada uma mensagem. Tiraram-na. Era uma placa de malacacheta. Sôbre a mesma algumas palavras escritas com um espinho cortante:

NÃO ME PROCUREM. VOLTAREI UM DIA.
NAZÁRIO

Grande alívio! Nazário estava vivo e mandava notícias! De repente... um enorme espanto: a mensagem se desmanchou, virou pó e desapareceu, inexplicàvelmente, entre os dedos que a seguravam...

Ninguém dormiu aquela noite. No dia seguinte, bem cedo, Muriel sentou-se na pedreira que ficava no meio do quintal. Estava sufocada com tristes pensamentos e amarga saudade. Nunca vivera um só dia longe de seu irmão. E... agora... Punha-se a pensar: «Onde estará Nazário? Que fizeram dêle? Vive ainda? Por que o Manquitola morreu?».

Abafada na sua dor, Muriel entrou em casa. Sem saber o que fazer, andava de um lado para o outro, sem parar.

Canuto e Perpétua estavam calados e com os olhos inchados. Nada mais podiam fazer e choravam, choravam!

À tardinha dêsse mesmo dia, uma dolorosa surprêsa abalou tôda a Serra: Muriel desaparecera em companhia de Penugem.

Não houve quem não se mexesse. Canuto e Perpétua, já não suportando tantos sofrimentos, saíram de casa dispostos a tudo. Acompanhados por amigos e parentes, andaram por tôda parte em busca da filha.

Ao se acercarem do bambual, Canuto perdeu a cabeça e correu para atravessar a PORTA DO SUMIÇO. Braços fortes e amigos o fizeram parar.

Perpétua, evitando que alguém a segurasse, avançou sòzinha para a cêrca de cactos. Antes de alcançá-la, porém, viu uma sombra muito branca, branquinha, que vinha ao seu encontro. Era o Penugem. Em alguns segundos, ela e o cordeirinho estavam rodeados de gente.

Um dos pastôres, emocionado, gritou:

— Êle traz uma mensagem!

No pescoço do manso animal, amarrada com fios de penas, acharam uma lâmina de malacacheta com êste recado:

É INÚTIL PROCURAR-ME. NÃO SOU GENTE MAIS. VIREI UM PÁSSARO.
MURIEL

Ouviram um baque. No chão, muito branco, limpinho, sem ferimento algum no seu pequeno corpo, o pobre Penugem acabava de morrer.

É... a mensagem? Onde estava? Com quem? Como a anterior, ela se desfizera em pó e... desaparecera.

O GRANDE MORCÊGO

Era uma cova cheia de espinheiros cortantes e ásperos. Em volta, um medonho rumor de asas.

Nazário, num instante, compreendeu tudo. Estava na GARGANTA DO MISTÉRIO, o lugar tão temido pela sua gente! Encheu-se de coragem, a fim de enfrentar qualquer situação. Olhos arregalados, presenciou a mais espantosa coisa de sua vida: o morcêgo que viera perseguindo passou a aumentar de tamanho, e se transformou num morcêgo monstro, com quase dois metros de altura. Aquelas asas pretas e aquêle corpo parecido com um rato, tomaram um aspecto impressionante!

Nazário entendeu logo que chegara o seu fim. Mais alguns minutos e estaria morto. Com enorme admiração, logo depois, viu que o Grande Morcêgo tinha o dom de falar:

— **Seu** Coisa Ruim, pensa que vou chupar seu sangue agora? Não, **Seu** Peste! Primeiro quero ver a côr dêle. Está entendendo? Está, **Seu** Giba de Camelo?

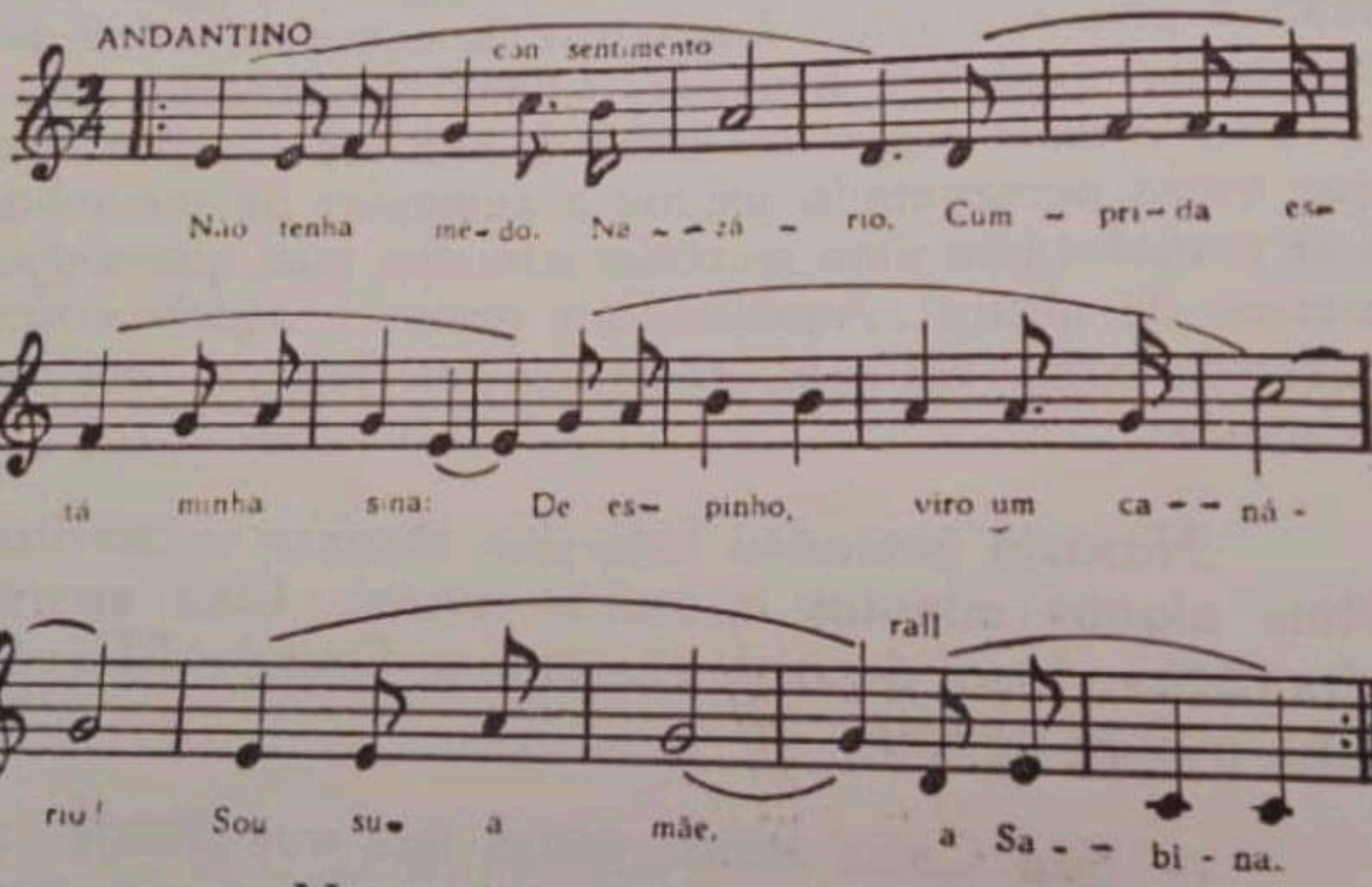
E o Grande Morcêgo espetou Nazário num espinheiro alto, avermelhado, cheio de galhos. O menino

ficou mais admirado de não sentir dor alguma. No entanto, o sangue gotejou e rolou entre os espinhos.

— Está bonito! Está bem vermelhinho, falou o monstro. Fique aí, ouviu? **Seu** Tripa do Diabo! Fique aí! Hoje eu já suguei sangue. Daqui um bocado, vou sugar você. Está escutando, **Seu** Rabo de Dragão? Está?

Ruflando as asas descomunais, o Grande Morcêgo voou e desapareceu no alto, à direita, na virada da GARGANTA.

Mal se viu só, Nazário notou que o espinheiro principiou a balançar... Afinou o ouvido para ouvir uma voz puríssima que se pôs a cantar:



Não tenha mêdo, Nazário,
Cumprida está minha sina:
De espinho, viro um canário!
Sou sua mãe, a Sabina.

Um espinho se desprendeu das costas de Nazário e, levado pelo vento, em pleno ar, transfigurou-se em um lindo canarinho do peito amarelo. Depois, voando um pouco, o pássaro pousou num galho alto do espinheiro.

— Lindo canário, quem é você? Por que sabe o meu nome?

— Ah! respondeu o passarinho, você é mesmo o Nazário? Fique sabendo que o seu sangue me salvou. Você é meu filho! Já ouviu falar em Nabor e Sabina? Nós somos seus pais.

Nazário nem sabia o que pensar! Não conseguia penetrar o sentido das palavras ouvidas.

— Está surpreendido, meu filho? Na noite em que você nasceu, há onze anos passados, a Fada das Côres o levou à Primeira Tôrre, para ser criado por Canuto e Perpétua. Ela teceu uma roupa para você com as penugens das aves maravilhosas do Palácio Natural. Guardou uma das mangas da camisinha, com o fim de, mais tarde, provar a todos que você é meu filho.

Nazário estava pasmado! Como sua vida se complicava! Então, um tanto refeito de seu espanto, resolveu a falar:

— Já ouvi contar a história da senhora e de Nabor. Como foi que escaparam da morte?

— Assim, meu filho: logo que, descuidados, passamos pela PORTA DO SUMIÇO, fomos agarrados por dezenas de braços fortes, pretos, molengos e frios, que nos trouxeram até aqui. De todo coração, me pus a pensar: «Não me importo de morrer, mas não quero que morra o meu filho, que está para nascer».

— E depois? perguntou Nazário.

— Apenas com aquêle pensamento, o monstro que me apertava o corpo afrouxou o abraço e me largou no chão. Ergui os olhos e vi o Grande Morcêgo levantar vôo lá para o lado direito, onde fica a segunda Tôrre, levando entre suas asas o meu querido Nabor.

— Que lhe aconteceu em seguida?

— Olhei para baixo, meu filho, e verifiquei que, na grama, surgira um belo arco-íris. Quis correr e fugir, mas para qualquer direção que eu andasse, certa-

mente pisaria nêle. Não tive coragem! Pensei que poderia sujá-lo com o pó dos meus sapatos e fiquei parada, sem jeito de sair. Nessa hora, o arco-íris se ergueu do solo e se transformou na moça mais bonita que meus olhos já viram.

— Que cousa estupenda, minha mãe! E que lhe disse ela?

— Falou-me assim: — «Não se assuste. Sou uma Fada. Gosto de pensamentos delicados. Você quis morrer, contanto que seu filho vivesse, e, neste instante, não me pisou, para não me manchar de poeira. Vou protegê-la. Até que seu filho venha ao mundo, vou torná-la invisível. Fique sabendo que o senhor desta GARGANTA é o Grande Morcêgo. Na Segunda Tôrre, reino eu. Lá na Terceira Tôrre, o Ouriço-Monstro exerce seu poder e é obedecido pelo Grande Morcêgo, que lhe leva alimentos, sejam homens ou carneiros. Só quando o Ouriço-Monstro morrer é que serei senhora de minha vontade, completamente! Venha comigo. Vou levá-la para meu Palácio. Assim que a criança nascer, você lhe escolherá o nome, como também elegerá livremente o casal que deverá criá-la. Levarei o menino e deixarei com êle um aviso. Quanto a você, eu a transformarei em um espinho, para lhe dar oportunidade de encontrar seu filho futuramente. Se algum dia o sangue de seu filho molhar o espinho em que você se transformar, dou-lhe o poder de virar um canário, com o dom do entendimento e da fala».

— Maravilhoso, minha mãe! disse Nazário. Mas, por que a senhora não voltou comigo para a Primeira Tôrre?

— Todos os que vêm de lá para cá, respondeu o canário, ou são devorados pelos monstros que habitam estas regiões, ou, então, ficam encantados em alguma cousa. Morrerá imediatamente quem, mesmo encantado, tentar o regresso. Você é uma exceção, porque não veio de lá. Nasceu aqui. No dia em que o Ouriço-Monstro deixar de existir, a Fada das Côres desencantará a todos nós. Por ora, seu poder é parcial. Ela me explicou tudo isso e também me disse: «O Ouriço-Monstro encantou Nabor em uma pedra. No dia em que, sôbre esta, correr uma gôta do sangue de seu filho, Nabor voltará a ser homem».

Quando Nazário se descuidou um pouco, o canário voou e desapareceu pelas alturas, a caminho da Segunda Tôrre.

O sol estava a pino, quando surgiu o Grande Morcêgo no espaço e veio vindo... veio vindo, rumo ao espinheiro. Assim que pousou na terra, uma surprêsa estava reservada a Nazário. Sem saber como, apareceu ali o Manquitola. «Um bom pastor não abandona as suas ovelhas». Por isso, Nazário, com pena do bom companheiro, pôs-se a gritar, gritar, chamando a atenção do Grande Morcêgo, para que êste o sugasse e deixasse em paz seu estimado carneiro.

Como por encanto, depois dêsse gesto, sentiu-se desprendido do espinheiro e não viu mais nada. Uma cortina de nuvens separou-o do Manquitola. Dessa forma, não assistiu ao sacrifício do pobre aleijadinho, nem soube que êle voltara à Primeira Tôrre, com uma mensagem enviada pela Fada das Côres.

OS POLVOS TERRESTRES

Pouco antes de morrer, Penugem trouxera a novidade misteriosa de que Muriel se transformara em um pássaro. Difícil de se acreditar... Antes de tudo, precisamos saber dos detalhes todos do desaparecimento da menina. Bem lembrados estamos de que, dentro de casa, ela andava de um lado para outro, martirizando-se com imaginações desencontradas e sinistras. Pois bem, vamos saber como as cousas se passaram.

Morta de saudades de Nazário, Muriel já nem raciocinava direito. Tantos pensamentos tristes acabaram por perturbar a sua cabecinha. Naquela confusão de idéias e naquela aflição de alma, sem consciência do que fazia, saiu de casa e foi andando, andando. Penugem, como sempre, a acompanhou, tal qual um cachorrinho. Chegaram ao VOLTA AGORA e... não voltaram. Continuaram a caminhar. Uma fôrça estranha, inexplicável, atraíra Muriel para o lado do bambual. Sem refletir, como se fôsse sonâmbula, atingiu a cêrca de cactos e passou para o lado de lá da PORTA DO SUMIÇO.

Imediatamente, viu no ar um monstro de braços longos, fortes, roliços, de matéria mole, escorregadia e

nojenta. Apavorada, viu que aquêle bicho não estava só. De cada pé de cacto, de cada espinheiro, de cada pedra ou moita, apareciam outros animais idênticos, com seus horríveis tentáculos. Eram os polvos terrestres. Êles iam saindo dos seus esconderijos e se acercando da menina, aos pulos, dando a idéia de que nadavam no ar... Pareciam demônios na bôca da noite.

Muriel se achou, assim, na GARGANTA DO MISTÉRIO e compreendeu que ia ser esmagada entre mil braços dos seus horrorosos habitantes. Aos seus ouvidos chegou um berro alucinante! Era o Penugem que ia ser agarrado por um polvo. Muriel se condoeu do dedicado companheirinho, e, bem do íntimo do coração, desejou ser estrangulada, morta, contanto que Penugem conseguisse fugir e voltar para o redil.

Neste instante, por milagre, os polvos se afastaram e ela voou aos ares, transformada num pássaro. Voou, voou! Procurou abrigo na folhagem macia de uma árvore e dormiu a noite tôda.

Quando acordou, de madrugada, ouviu o gorjear da passarada e cantou também, cheia de alegria! Gozando a felicidade da sua vida de pássaro, beliscou frutas saborosas, madurinhas, voou, voou, até que sentiu sêde e foi pousar à margem de uma belíssima queda d'água. Antes de beber, observou que a cachoeira estava deslumbrantemente colorida, com tôdas as côres do espectro solar. Não teve coragem de tocar na água com seu biquinho, sòmente para não ferir tão fulgurante beleza! Imprevistamente, assistiu a um espetáculo sensacional: aquelas côres se agitaram no ar, começaram a rodar, e, em pouco, formaram uma saia muito

armada e rodada, em cujo centro surgiu uma formosíssima figura de mulher, que se pôs a falar:

— Não tenha mêdo, Muriel. Sou uma Fada. Gosto de pensamentos delicados. Você preferiu morrer, desde que visse a salvo o seu querido Penugem. Agora, passou sêde, para não tocar na luz colorida da minha imagem. Por isso a transformei num bem-te-vi. Dou-lhe o dom do canto e do entendimento. Não falará, mas poderá voar por tôdas as regiões da Segunda Tôrre. Não pense em voltar à Primeira Tôrre. Quem vem de lá para cá, só voltará no dia em que eu fôr a rainha de tôda a Serra. Antes disso, quem tentar voltar, morrerá. Voando, você encontrará Nazário. Quando o encontrar, eu lhe inspirarei uns versos que cantará, para se fazer conhecida. Você entenderá a linguagem dos homens e dos bem-te-vis. Se algum dia me desobedecer, deixará de ser passarinho e ficará parada, encantada em uma fonte.

A Fada evaporou-se e Muriel ainda estava deslumbrada com a bela visão! Muito contente, aceitou seu novo mundo, disposta a viver com entusiasmo sua aventurosa vida de pássaro. Abriu as asas e ganhou o espaço! Que delícia voar assim! Voou... voou...

A Fada, na véspera, pelo Penugem, mandara uma mensagem à Primeira Tôrre, mensagem que, como as demais, se desmanchara em pó e desaparecera...

O PALACIO NATURAL

Livre, meio confuso, ignorando onde se encontrava, Nazário resolveu andar, embora sem destino. Subiu morros, desceu morros, até que lhe veio a lembrança de regressar ao VOLTA AGORA, onde deixara Muriel sòzinha, dormindo na grama. Tentou orientar-se pelo pico da Primeira Tôrre. Andou, andou... Com sua foice cortou frutos com que se alimentou. Sempre andando passou por um planalto onde viu séries intermináveis de cupins. Entre êstes cresciam ervas rasteiras, com flôres amarelas e azuis. Os cupins cobriam grandes extensões de terra, em fileiras paralelas. Era muito aprazível o PLANALTO DOS CUPINS, como Nazário o batizou.

Após galgar o cimo de um monte que encontrou depois, Nazário ficou meio tonto com a beleza do panorama. Decididamente, não sabia onde estava caminhando. Sua intenção era voltar, entretanto, por mais que se esforçasse em descobrir o caminho desejado, avançava cada vez mais em sentido oposto. Sem o saber, estava perdido dentro daquela imensa paisagem!

À proporção que ia vencendo as distâncias, mais fascinado ficava com o espetáculo da natureza. Aquilo

tudo era novo para os seus olhos, era um sonho, do qual não queria despertar. Atraído pela novidade de tantas descobertas, já nem se lembrava de voltar para casa.

Seguindo sempre, sempre seguindo, penetrou em um lugar que parecia um palácio arquitetado de plantas. As árvores, em cima, se abraçavam pelos ramos, constituindo o teto do palácio. Um musgo sedoso e espêsso, de variegados matizes, atapetava o solo. Por todos os lados, nos galhos, nos arbustos, sôbre o tapête de musgos e nos vãos das folhagens, passeavam aves lindíssimas, com plumagens aveludadas, algumas brancas e outras multicores, em cujas penas parecia morar tôda a beleza do arco-íris!

Nazário sentiu que estava pisando num santuário. Um perfume delicado vinha das cousas. Sons melodiosos, em surdina, faziam-se ouvir nas ondulações do ar. Deslumbrado com o esplendor daquele palácio natural, Nazário ia mudando os passos cautelosamente, em profundo silêncio, com o máximo respeito.

Paredes construídas de plantas as mais diversas separavam as numerosas peças do palácio. Nos vãos que fingiam portas, as trepadeiras caíam em longos fios, formando cortinas floridas. Salões e mais salões! Pelos cantos, as folhagens davam a aparência de mesinhas triangulares, sôbre as quais, em jarra natural, desabrochavam flôres encantadoras. Em certos ângulos dos salões, as plantas se dispunham de tal maneira, que se assemelhavam a cadeiras, sofás, divãs e poltronas. Noutro local, via-se uma espécie de estrado que tinha em cima vários instrumentos — piano, harpa,

violoncelo, violinos, flautas — tudo feito pelo capricho de galhos, fôlhas e flôres. E aquela orquestra vegetal, sem os músicos, ia executando, baixinho, lindas e suaves composições musicais...

Cada vez mais respeitoso e maravilhado, Nazário se embrenhava por aquêle labirinto adentro. Subitamente, soltou duas exclamações:

— Que beleza! Que maravilha!

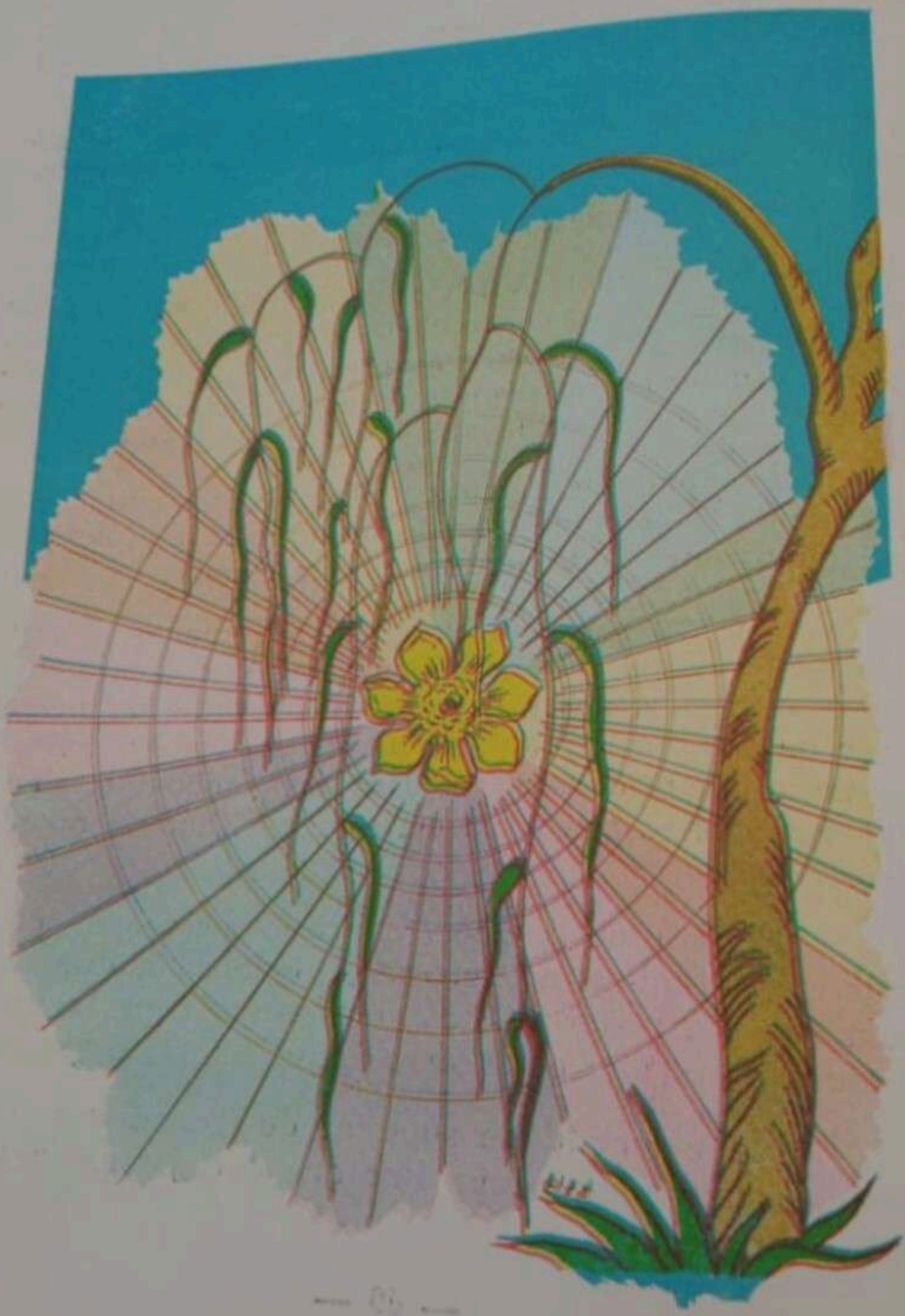
Estava numa espécie de templo, de formato arredondado, com o chão coberto de musgo verde claro, quase branco. Troncos de árvores, revestidos de orquideas deslumbrantes, dispostos em círculo, ofereciam o aspecto de fortes colunas a sustentarem a abóbada.

Fechando o recinto, atrás dêsses pilares, a parede de fôlhas e de trepadeiras floridas se prolongava até muito alto, onde arrematava em cúpula.

No espaço central, entre as colunas, Nazário viu uma árvore, cuja existência jamais imaginara. Nem muito alta, nem muito baixa; o tronco era esguio e reto; seus galhos, em circunferência, desciam até o chão, em largas e compridas fôlhas. Era uma espécie de chorão, cujos ramos se armavam em rigorosa simetria ao redor do tronco.

Reparando melhor, Nazário percebeu que os galhos se dividiam em sete partes iguais, cada uma delas com sua côr própria... E essas côres eram luminosas, embora o sol não penetrasse naquele recinto sagrado.

Na extremidade superior do tronco, em flexível haste, balançava-se uma flor que excedia em beleza à própria Beleza!



Não era vegetal... Faiscava como um brilhante! Sete pétalas: cada pétala, ostentando uma côr diversa; raios de luz ofuscante confundiam entre si aquela riqueza de côres...

Nazário, tentado, teve um desejo louco de colhêr aquela flor, sem dúvida nenhuma, única no mundo!

ALMA DA SERRA

A flor de brilhante, no seu trono de rainha, balouçando-se preguiçosamente, certa do seu mágico poder, aguardou, com serenidade, o golpe impiedoso...

Nazário ergueu a foicinha no ar. Dentro de um segundo, porém, esticando os músculos, teve tempo de evitar o gesto desastroso.

— Tão bela!... Quase a decepei! Não! Tão bela assim não pode morrer!

Então... uma cousa milagrosa aconteceu: as fôlhas do chorão se movimentaram, diminuiram de tamanho, rodopiaram, rodopiaram, transformando-se em uma saia comprida, muito rodada, muito armada, com tecidos vaporosos e reluzentes, em sete côres distintas. No meio da saia, majestosamente, surgiu um corpo de mulher que resplandescia na mais grandiosa expressão da formosura! Seu rosto, iluminado por um sorriso, inclinava-se para Nazário. Suas mãos transparentes brincavam com a flor de brilhante...

— Não fique assim petrificado, meu bom Nazário, disse ela. «O bom filho à casa torna». Você nasceu dentro do Palácio Natural. Não o reconhece? Por um

triz ia obedecendo à tentação. Levantou a foicinha para cortar esta flor e não o fêz. Gosto de pensamentos delicados! Você, hoje, horas antes, para poupar o Manquitola, desejou ser sacrificado. Neste momento, após terrível prova, dominou-se e teve um gesto elogiável: respeitou a Beleza!

— Quem sois vós, ó maravilhosa Fada?

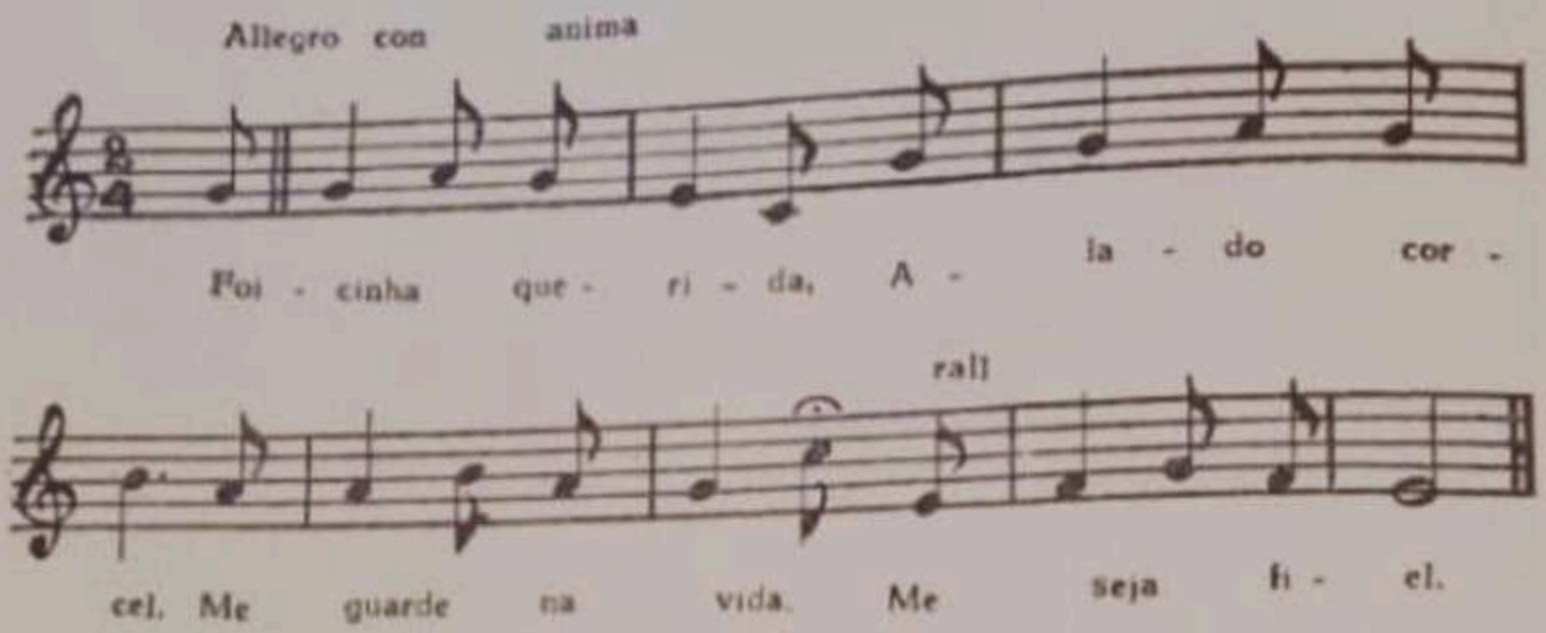
— Alguns me chamam de Fada do Arco-Íris, outros de Fada das Côres. Na realidade, porém, eu me chamo Alma da Serra. Estou em tôda parte, embora nem sempre me vejam. Só assim tenho libertado muitas criaturas do poder do Grande Morcêgo e do Ouriço-Monstro. Aqui, onde nos encontramos, é o mais belo lugar da Segunda Tôrre.

— Alma da Serra, minha protetora, eu já vi o Grande Morcêgo. Quereis dizer-me agora, como é o Ouriço-Monstro?

— Êle tem um corpo enorme de crocodilo, cauda de jibóia, pescoço de girafa e uma cabeça horrorosa que faz lembrar um ouriço-cacheiro, porque sôbre ela há espinhos côr de brasa, longos e cortantes, que lhe sáem do crânio, da testa, dos olhos, das orelhas, do nariz e da bôca. No seu corpo existe um ponto vulnerável. Quem o descobrir, poderá matar o monstro. Quando êle morrer, meu espírito, livre, poderá libertar a todos que se acham encantados nas dobras destas duas Tôrres.

— Alma da Serra, se me permitirdes, eu vos prometo, mais cedo ou mais tarde, matar o Ouriço-Monstro.

— Muito bem, Nazário. Vou ajudá-lo. Você tem na mão esta foicinha. De agora em diante, ela vai ficar encantada. Tôdas as vêzes que você quiser ou precisar voar, bastará cantar ou pensar nestes versos que vou cantar:



Foicinha querida,
Alado corcel,
Me guarde na vida,
Me seja fiel.

Com essa cantiga mágica, você montará ou agarrará na sua foice e ela o transportará pelos ares. Será asas para você. Dou-lhe o govêrno da foice. Poderá dirigi-la como e quando quiser.

— Esplêndido, Alma da Serra! Eu vos agradeço tantos favores. Minha mãe, hoje canário, contou-me tudo acêrca do meu nascimento. Estou pronto a fazer qualquer sacrifício. Vós sereis a Rainha da Serra!

Uma nuvem envolveu a bondosa Fada e ela se desfez no ar...

Compenetrado do compromisso que acabara de assumir, Nazário deliberou entrar logo em ação, para atingir seu grande ideal.

A FOICINHA VOADORA

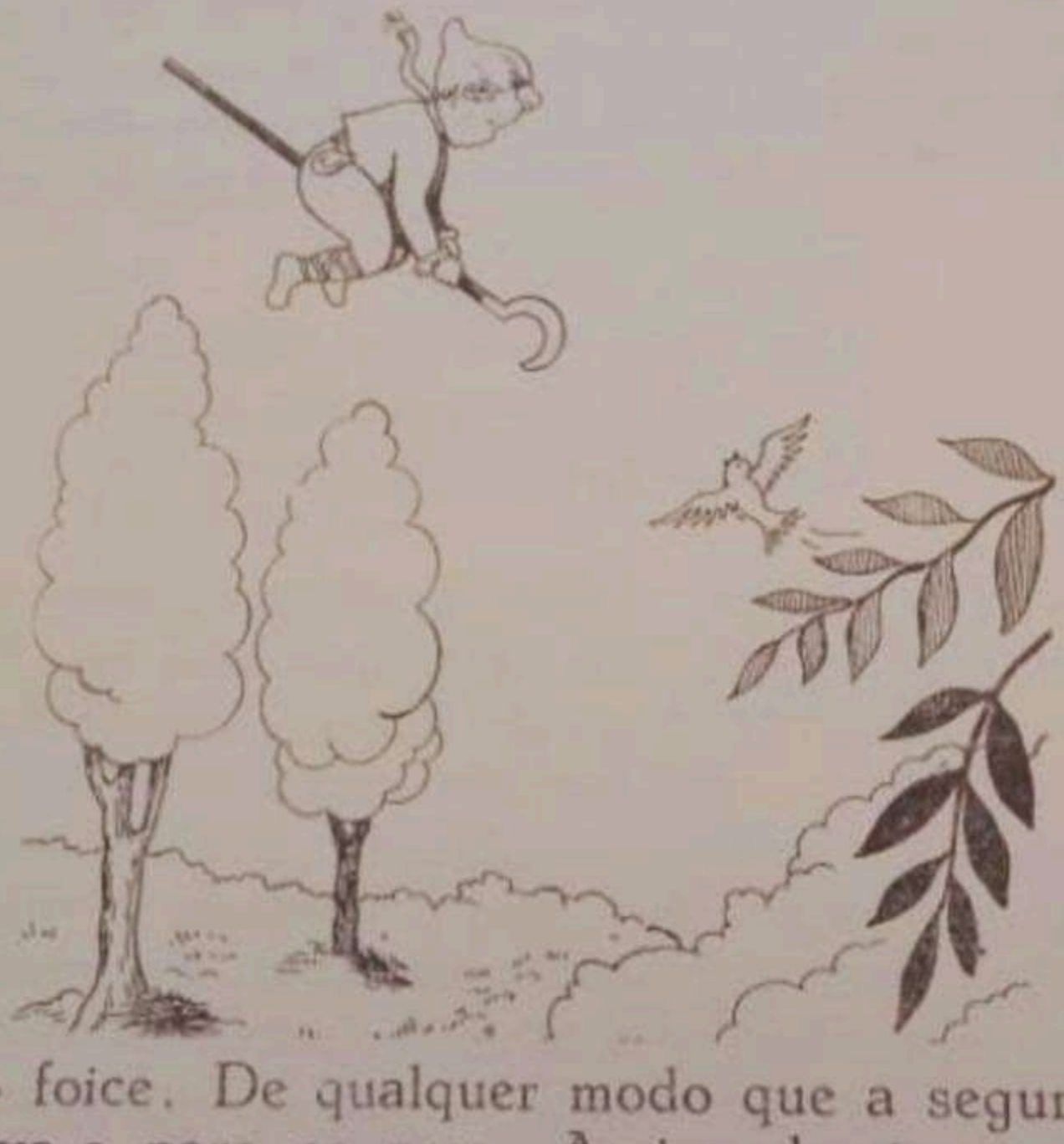
Necessitando conhecer o terreno onde pisava, Nazário resolveu sobrevoar, primeiramente, tôdas as prodigiosas regiões da Segunda Tôrre. Montou na foicinha, como se fôsse num cavalo de pau, e cantou:

Foicinha querida,
Alado corcel,
Me guarde na vida,
Me seja fiel.

A foicinha se elevou da terra, ganhou altura e saiu voando, serena, que nem uma ave com as asas abertas... Nazário, logo de início, constatou a comodidade do vôo e uma perfeita sensação de segurança. Uma onda de prazer invadiu-lhe a alma! Como um pássaro, era senhor do espaço! Guiando o «alado corcel», viajou muito, em várias direções. Gozou a alegria daquela nova existência, até que, percebendo o crepúsculo, desceu ao solo, com o intuito de buscar um abrigo onde pudesse passar a noite. Achou uma gruta confortante, da qual fêz o seu quarto de dormir. Cansado de tantas emoções daquele memorável dia, mal caiu sôbre o leito de fôlhas sêcas, mergulhou num sono calmo e profundo.

De manhã, levantou-se cedo e saiu em busca de alimento. Do alto dos coqueiros, os micos lhe atiraram cocos. Brincou com os macaquinhos e depois foi beber água numa fonte cristalina. Ao alcance das mãos encontrou os mais variados e saborosos frutos.

Os dias foram passando e, aos poucos, Nazário ia se adaptando àquela nova vida de isolamento, em pleno coração da natureza. Se por acaso se distraia e era ameaçado por algum animal, bastava pensar na quadrinha mágica e elevava-se ao ar, dependurado na



«alada» foice. De qualquer modo que a segurasse, ela carregava-o para os ares. Assim, dominava qualquer perigo e sentia-se seguro.

Certa manhã, ia êle pelo espaço afora, passeando na Foicinha Voadora, quando ouviu um alegre canto,

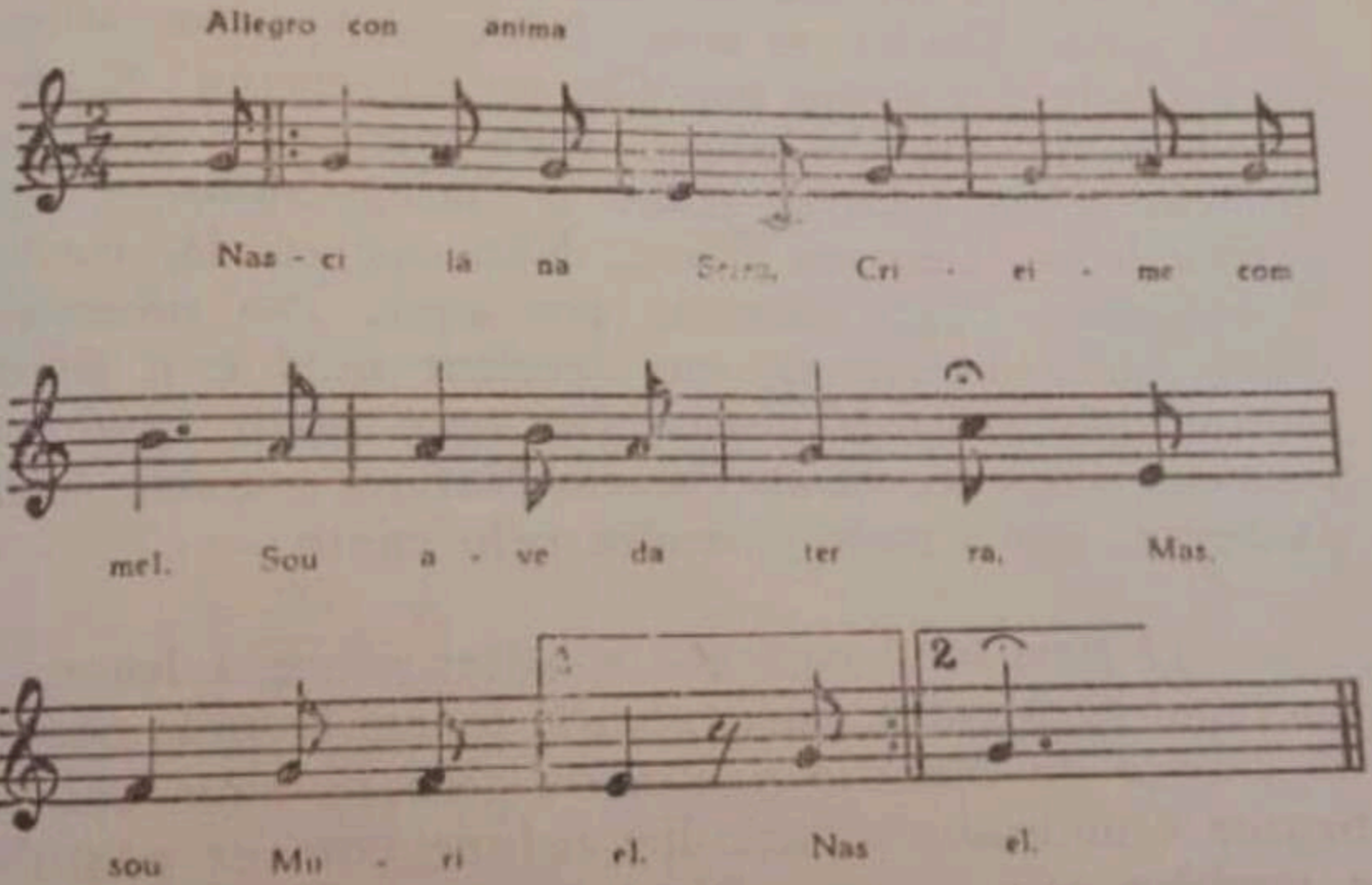
que partia da copa de uma árvore altissima e frondosa:

— Bem-te-vi!

Desejoso de ver de perto o curioso bem-te-vi, guiou a foicinha para aquêles lados. Surpreendido, observou que o passarinho vinha voando na sua direção. Encontraram-se em pleno ar. O gume da foicinha ficava sempre virado para baixo. O seu dorso, pois, na posição em que se mantinha, dava a idéia de uma cabeça de cavalo, em cujo ponto a avezita pousou.

— Lindo bem-te-vi, por que veio ao meu encontro?

Da garganta do passarinho saiu um canto inesperado:



Nasci lá na Serra,
Criei-me com mel.
Sou ave da terra,
Mas sou Muriel.

Embora não se admirasse mais de cousa alguma, Nazário muito se alegrou.

— Também você, Muriel? Como foi que veio parar aqui na Segunda Tôrre? Como? Não responde? Ah! não pode falar, não é? Não faz mal. Então, hein? Estamos juntos outra vez! Que delícia, Muriel! Você é um bem-te-vi e pode gozar a vida! Eu também tenho qualquer cousa de pássaro, porque a minha foice é encantada. Como vê, posso voar, pois ela me serve de asas. Bom, não é? Olhe, Muriel, não me perca de vista. Passarei muitas vêzes por estas paragens, das quais você não deverá sair. Algum dia, Muriel, você voltará a ser a mesma menina tão bonita, de faces rosadas e olhos azuis. Confie em mim. Ainda voltaremos juntos para o lado dos nossos pais Canuto e Perpétua. É apenas uma questão de tempo. Para conseguir isto, em primeiro lugar, terei de matar o Ouriço-Monstro, que impera lá na Terceira Tôrre. Não voe até lá, ouviu? É perigoso. Fique sòmente por aqui. No momento estou muito interesasdo em decobrir qual é o ponto mortal do Ouriço-Monstro. Se você ouvir qualquer notícia a respeito, vá ao Palácio Natural e avise Alma da Serra, que a pode entender pelo canto.

O Bem-te-vi começou a saltar sôbre a foice, de um lugar para outro, numa alegria louca! Depois pousou na cabeça de Nazário e brincou com os seus cabelos negros e ondeados. Fazia-lhe cafuné com os pèzinhos e também com o bico. Nazário, embevecido, recebia aquelas carícias...

De repente, o Bem-te-vi passou a lhe fazer cócegas nas orelhas e no pescoço. Nazário disparou a rir.

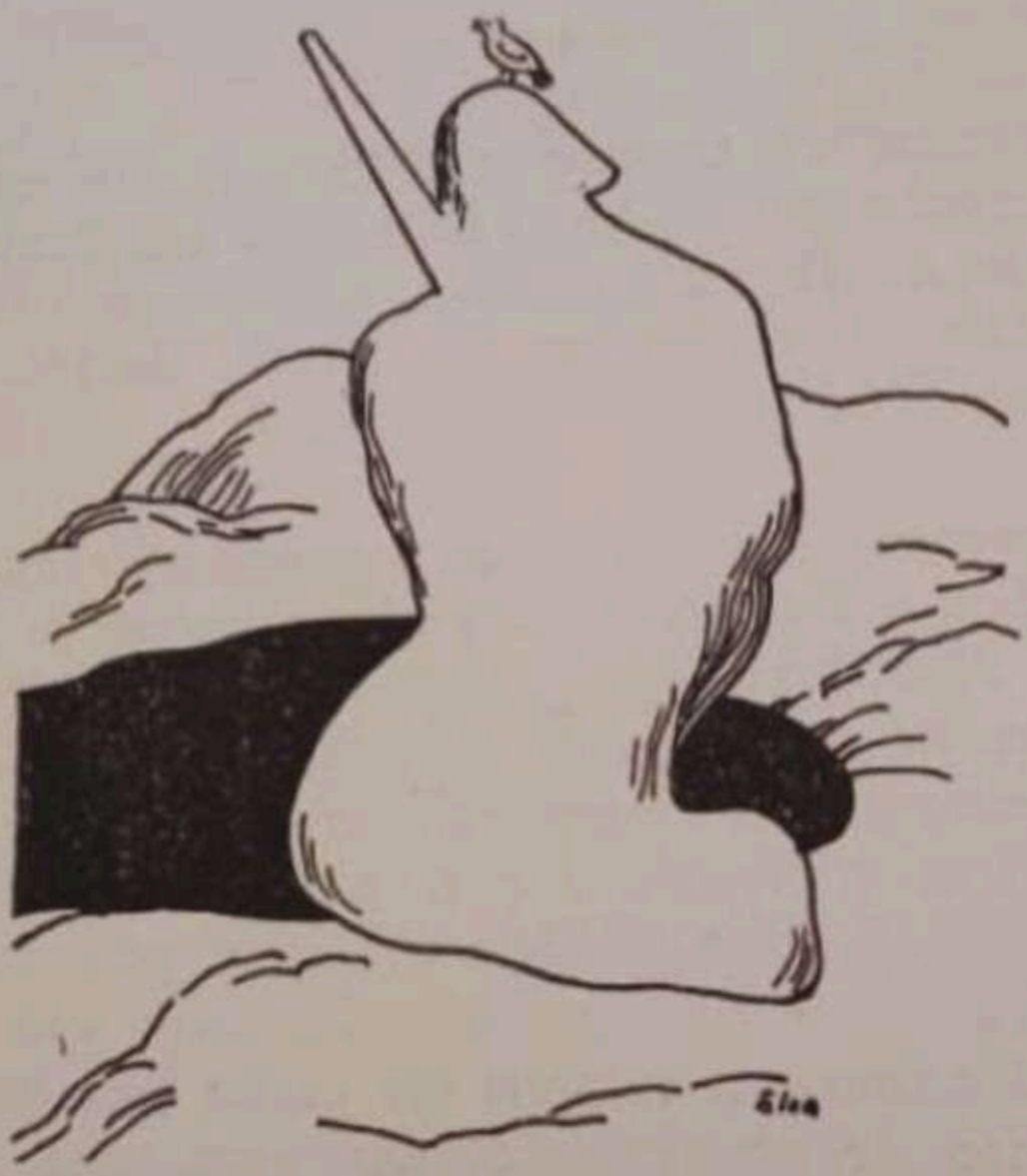
Ria, ria, a mais não poder. Só então percebeu que o Bem-te-vi estava se despedindo, porque abriu as asas e bateu em retirada, desaparecendo de todo, lá nas grimpas verdejantes de um colosso da floresta.

CANÁRIO E O POÇO SEM FUNDO

Voando de árvore em árvore, de colina em colina, de rocha em rocha, de floresta em floresta, descansando aqui, dormindo acolá, o Canário venceu distâncias incalculáveis, e, um dia, afinal, chegou ao cume da Terceira Tôrre.

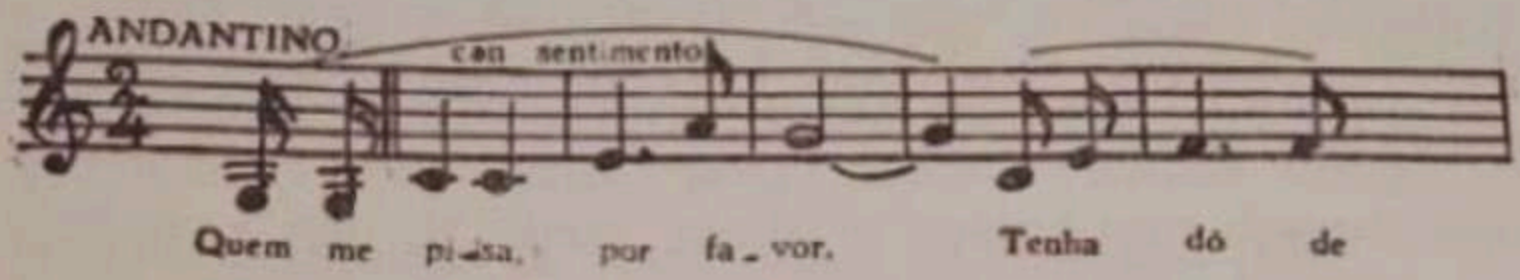
Corajoso, tudo arriscou, visando descobrir algo sôbre Nabor. Desejava contribuir para o êxito da missão de Nazário. Em curtos vôos, sempre se ocultando entre as fôlhas dos arbustos, encontrou-se em um lugar onde avistou uma pedreira singular, de superfície muito lisa, lisíssima, e que se erguia para o céu em forma de um cilindro. Voou até lá e pousou sôbre a mesma. Viu que tinha a circunferência tão pequena, que ali mal caberiam quatro ou cinco pessoas juntas. Do seu ponto de observação, deu com uma árvore de aspecto original e de beleza admirável: pouca altura; arredondada desde o chão, pois as fôlhas lhe cobriam todo o tronco, subia até o seu término, em forma de um cone truncado; na parte superior, as suas bordas se afundavam no centro; dêsse modo, por um capricho da natureza, ela era, nada mais nada menos, uma originalíssima árvore côncava. Até as fôlhas, um tanto pequenas, eram côncavas também.

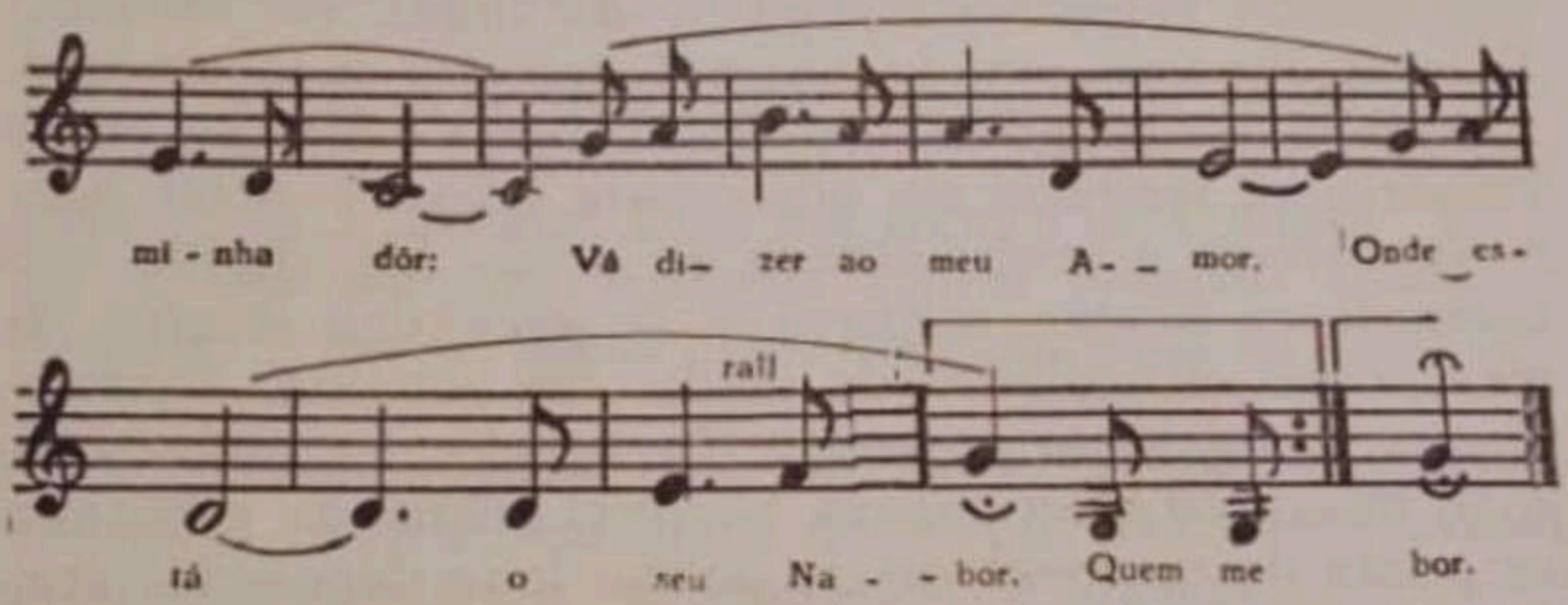
Seduzido por aquêle desconhecido espécime vegetal, Canário voou até ali e ocultou-se na concavidade de uma das suas fôlhas. Em volta tudo estava calmo. Da sua guarita, pôs-se a examinar a redondeza. Bem perto, no chão, viu uma bôca imensa, com seis ou sete metros de diâmetro, como se fôsse a cratera de algum



vulcão extinto. Aquêle buraco devia ter proporções descomunais. Num dos seus lados, bem na entrada, uma esquisita pedra chamou a atenção de Canário, porque tinha grande semelhança com uma figura humana. Lembrava mesmo um soldado, de espingarda ao ombro e de capacete de aço.

Que estaria ali fazendo aquêle militar, montando guarda para tôda a eternidade? Curioso de dar uma olhadela para dentro do colossal buraco, Canário voou e foi empoleirar-se em cima do largo capacete do soldado de pedra. Nisto, uma brisa mansa soprou contra o estranho granito, e, no seu sussurro, uma cantiga bem nitida se fêz ouvir:





Quem me pisa, por favor,
Tenha dó da minha dor:
Vá dizer ao meu Amor,
Onde está o seu Nabor.

Canário ficou abalado e, dominando a emoção, falou:

— Nabor, é você? Até que enfim nos encontramos. Eu sou a Sabina. Estou encantada em um canário. Está contente?

Nenhuma resposta. Canário compreendeu e continuou:

— Percebo, Nabor. Você não pode falar. Eu tenho o dom da fala, que Alma da Serra me deu. Ela está nos ajudando. Tenha esperança, Nabor. Seremos desencantados um dia. Sabe, Nabor? Nosso filho nasceu. Dei-lhe o nome de Nazário, de que você tanto gostava. Hoje êle está um rapazinho e quer matar o Ouriço-Monstro, para nos libertar a todos dos nossos encantamentos.

Mal acabara de pronunciar as últimas palavras, um grande ruído veio subindo do fundo do buraco. Parecia que uma grande massa de minério se locomovia, arrastando-se pesadamente debaixo para cima. Só então Canário se lembrou de olhar para baixo e ficou horrorizado com a profundidade do poço. Em rápido vôo alcançou a árvore côncava e se escondeu dentro de uma fôlha. Encolhido de mêdo, em seguida, contemplou a cousa mais pavorosa do mundo: na cratera do poço apareceu uma cabeça horrível, cheia de espinhos, na ponta de um pescoço de girafa; logo depois foi aparecendo o corpo do animal, que era um corpo gigante de concodilo; no fim, muito enroscada, surgiu a cauda; cheia de voltas, roliça, fazia lembrar uma terrível jibóia.

Saindo do poço, para surprêsa de Canário, o monstro pegou a falar, num vozeirão atroador:

— Agüenta aí, Soldado do Diabo! Está vendo? Todo dia eu esbarro na sua carcassa. Quem mandou? Gostou de rolar uma pedra grande dentro do meu Poço, não foi? Valeu o quê? Escutou o barulho dela caindo lá no fundo? Escutou? **Seu** Cara do Demo! Está saben-

do agora? Já sabe que o Poço é sem fundo, não sabe? Sabe que êle começa aqui e vai varar a Terra lá do outro lado, não sabe? Castigo! Quis se meter onde não era de sua conta, hem? Castigo! Virou pedra! Pior do que morrer! Fique aí! Fique tomando conta do Poço. Fique! Fique aí, **Seu** Soldado do Inferno!

Assim falando, o Ouriço-Monstro continuou arrastando-se e procurou um enorme bloco de pedra, o qual deslocou com um só dos seus pés. Levou-o até o Poço e o empurrou para dentro. Muito tempo se passou e não se ouviu nenhum rumor que denunciasse a chegada da grande pedra lá no fundo do buraco...

— Está vendo, está vendo, **Seu** Soldado do Capeta? Isto é só para assustar a Cobra-Cega. Castigo dela! Está amarrada! Dois mil metros de fundura. Está lá! Quem mandou também? Quem mandou enxergar demais? Furei os olhos dela! Castigo! Está aí! Fica lá!

Resmungando uma odiosa xingação, o Ouriço-Monstro passou bem perto da árvore côncava e desceu num despenhadeiro, sumindo-se no abismo.

Canário, assustado, tratou de regressar imediatamente.

Muitos e muitos dias depois, chegou ao Palácio Natural, onde relatou a Alma da Serra, tudo que vira e ouvira.

O BEM-TE-VI

Às vêzes Nazário vinha pelos ares na Foicinha Voadora e descia ao chão, perto da cachoeira, onde aguardava a companhia de Muriel.

— Bem-te-vi! cantava num galho um passarinho.

Nazário voltava-se ansioso, e o cantor fugia... Era um bem-te-vi qualquer... A decepção durava pouco, pois, em breve, outro bem-te-vi surgia e logo se identificava:

Nasci lá na Serra,
Criei-me com mel. ..
Sou ave da terra,
Mas sou Muriel.

Uma festa! Os dois meninos gozavam a alegria daquele encontro! Voando sôbre a bela cabeça de Nazário, o Bem-te-vi, com o biquinho, puxava-lhe os anéis dos cabelos já crescidos, provocando gritos que a ambos divertiam. Depois de dar beliscadinhas nas orelhas do menino, fazia-lhe cócegas na sola dos pés. Nazário ria muito, um riso bom, de plena felicidade! Tomava nas mãos a avezita e a aconchegava ao coração. Brincavam juntos, horas e horas! Se tinham sêde,

iam beber água na cachoeira. Nessa oportunidade, o Bem-te-vi zombava de Nazário, porque voava ligeiro até em cima da queda grande, desafiando o companheiro para o seguir.

Quando Nazário percebia o desafio, pendurava-se na foicinha e passava sôbre a espuma da catarata, em

perseguição da levada Muriel. Ao pararem com a brincadeira, descansavam à sombra de uma árvore. Nessa ocasião, Nazário sacava a sua flauta de bambu, na qual tocava as mais doces melodias. A fome chegava e o menino, sempre prevenido, tirava do bôlso alguma fruta bem madurinha, que oferecia à gulodice do querido Bem-te-vi. Quando êste se fartava, Nazário, com prazer, saboreava os sobejos.

Ao cavalgar a foicinha, para prosseguir viagem, no serviço de inspeção do terreno, o menino sempre recomendava:

— Cuidado, Muriel. Não se afaste dêstes sítios, onde está sob a proteção de Alma da Serra. Até amanhã, minha Bela Princesa!

O Bem-te-vi assim que via a foicinha sumir-se no horizonte, voltava a cuidar da missão secreta que a si mesmo impusera, qual a de vigiar a conversa das aves de sua espécie, para ver se descobria alguma cousa que pudesse favorecer o trabalho de Nazário.

Já descobrira o local da floresta em que se reuniam os bem-te-vis. Meteu-se no meio dêles e, já que os entendia, prestava atenção ao que diziam.

Em determinada manhã, o sol já a despontar por cima da serra, um enorme alvorôço se manifestou entre a companheirada de Muriel. É que acabava de chegar um bem-te-vi há muito desaparecido. A algazarra foi grande. Todos queriam falar com o saudoso amigo, a quem pediam notícias de tão longa ausência. Lá, à sua moda, o recém-chegado começou a conversar, para satisfazer a curiosidade dos seus amáveis companheiros:

— Estive na Terceira Tôrre.

— Oh! Oh! Oh! cantaram todos em côro.

— Vi o Ouriço-Monstro.

— Ui! Ui! Ui! gemeu a passarada.

— Êle falava com o Grande Morcêgo.

— Chi...i...i...! entoou o auditório.

— O Ouriço-Monstro contou ao Grande Morcêgo qual é a única criatura que conhece o ponto fraco do seu corpo.

— Quem é? quem é? quem é? perguntaram os bem-te-vis.

— A Cobra-Cega.

— Anh!... Anh!... Anh!... modularam os passarinhos.

Muriel não perdeu tempo. Ruflou as asas e voou a caminho do Palácio Natural.

A CAVERNA DAS SERPENTES

Conforme seu costume, no fim daquela semana, Nazário deu um pulo ao Palácio Natural, para se informar. Tomou conhecimento, então, das descobertas de Canário e Bem-te-vi. Muito se comoveu com a notícia de que Sabina e Muriel estavam colaborando com tamanha inteligência.

— Alma da Serra, agora que sabemos estar a Cobra-Cega a dois mil metros de profundidade do Pôço Sem Fundo, e que só ela conhece o ponto mortal do Ouriço-Monstro, o importante é arrancar-lhe o segrêdo de que é possuidora.

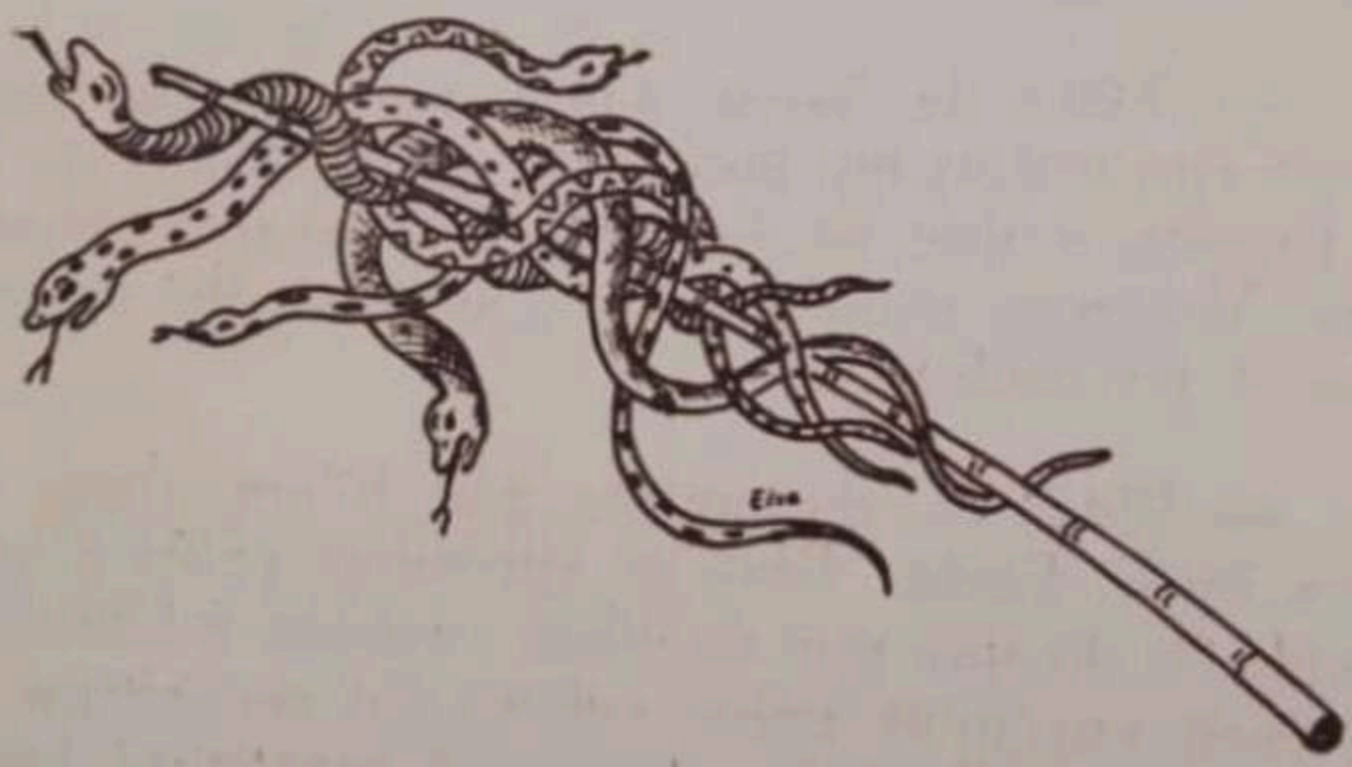
— Nazário, as cobras não falam, disse muito séria a linda Fada. Elas se entendem pelos olhos, ou pelo colear. Já que tem os olhos vasados, a Cobra-Cega só se fará entender pelos coleios do seu corpo. Para interpretar semelhante cousa, você precisaria fazer um grande sacrifício.

— Alma da Serra, vós mandais e eu obedeço.

— Pois bem. Na divisão entre a Segunda e a Terceira Tôrre, existe uma profunda cavidade subterrânea, cheia de saliências. Ali é a Caverna das Serpen-

tes. Você terá de conviver dez anos entre as cobras, para ler e entender o seu serpear. Para viver tanto tempo entre elas, é preciso que se torne invisível. Tome esta cabacinha: ela contém uma parte do pólen da minha flor de brilhante. Use-a na cintura, junto do seu cantil. Tôdas as vêzes que, daqui em diante, tiver necessidade de ficar invisível, é bastante tocar os dedos, levemente, nessa cabacinha. Tocando a segunda vez, voltará ao natural. Durante êsses dez anos, você só sairá da Caverna para se alimentar, descansar e dormir. Não falará com ninguém, nem mesmo comigo. De acôrdo?

— Alma da Serra, hoje mesmo eu entrarei na Caverna das Serpentes. Protegei minha mãe e Muriel. Adeus!



Já o sol declinava para o lado do poente, quando Nazário viu uma abertura de meter mêdo, numa rocha negra e horrorosa. Para se certificar de que era ali mesmo o local procurado, apanhou um forte e comprido bambu e, segurando em uma de suas pontas, introduziu a outra pela porta escura aberta na rocha. Esperou dois minutos e o puxou para fora. Não o agüentou. Fêz gran-

de esfôrço e conseguiu arrastá-lo um pouco. Presenciou um espetáculo inédito! O bambu estava grosso, com um rôlo de serpentes que se enroscavam em tranças complicadas, de pavoroso aspecto. Eram serpentes grandes, pequenas, grossas, finas, claras, escuras. Tôdas a se contorcerem, enrodilhando-se umas nas outras, numa nojenta movimentação.

Tocando na cabacinha, Nazário se tornou invisível. Reprimindo o natural receio e o quase invencível nojo, penetrou com cuidado na Caverna das Serpentes.

No princípio foi difícil, mas, fazendo valer sua fôrça de vontade, lutou e venceu, pois, aos poucos, habituou-se àquela vida tão diferente da anterior. Horas e horas, sempre invisível, sentado em uma pedra ou empoleirado numa saliência do teto, estudava o movimento das serpentes.

Quando a fome chegava, saía da Caverna, em cujos arredores havia uma fonte de água cristalina, na qual matava a sêde e enchia seu cantil.

Descobriu uma lagoa de água transparente, onde pescava e nadava. Fazia fogo e assava peixes e aves para sua refeição. Comia côcos, ainda moles, dentro das cascas. As frutas eram variadas e abundantes!

De embiras e cipós teceu uma rêde, e nela dormia, à luz das estrêlas, entre os troncos de duas árvores amigas. Se chovia ou fazia frio, armava a rêde dentro de uma lapa, que passou a ser seu abrigo predileto. Antes de dormir, tôdas as noites, compunha músicas na sua flauta e depois inventava os versos, cantando-os com prazer. Gostava de ouvir a própria voz.

Com um espinho duro, trazido do Palácio Natural, ia marcando, com um risquinho, cada dia que passava, numa lâmina de malacacheta. Assim, foi assinalando a passagem das semanas, dos meses e dos anos. À proporção que crescia, ganhava uma roupa nova. Era encontrado o traje dentro da sua rêde, quando despertava. A cada presente de Alma da Serra, uma alegria enorme o assaltava! Não via a Fada, todavia tinha a certeza de que ela velava por êle. A roupa era linda, tecida de fios de penas, de muitas côres.

Nazário cresceu, cresceu. Mirava-se na água clara da lagoa e via a sua transformação. Seus cabelos lhe batiam nos ombros: nunca mais os cortara, desde que começara sua vida solitária. Agora, já tinha um pouco de barba e estava um verdadeiro homem. Sentia-se forte e esperançoso!

Com o andar do tempo, aprofundou os estudos sôbre as serpentes. Apoderou-se do sentido do seu meio de comunicação. Divertia-se em estudá-las. Tão bem as compreendia, que mal se enrodilhavam para cá e para lá, já sabia o que ia acontecer.

No dia em que, na malacacheta, terminou a contagem dos dez anos vividos ali, naquele covil, Nazário resolutamente abandonou a companhia das serpentes. Com viva alegria e grande confiança, pegou sua foice e cantou:

Foicinha querida,
Alado corcel,
Me guarde na vida,
Me seja fiel.

A COBRA-CEGA

A cantiga mágica fêz com que a foicinha, depois de dez anos de inatividade, obedecesse ao seu comando e levantasse vôo.

Velozmente a foicinha cortou os ares, até que se viu no pico da Terceira Tôrre, a seis mil metros de altitude.

Tateando sua cabacinha, Nazário tornou-se invisível e se postou nas imediações do Poço Sem Fundo. Corajosamente, aguardou a saída do Ouriço-Monstro. Assim que êle surgiu, a cabeçorra cheia de espinhos, Nazário que o via pela primeira vez, não conteve um estremecimento que lhe percorreu todo o corpo...

O monstro, depois de praguejar contra o Soldado de Pedra, arrastou-se com seus pés curtos, esticando o pescoço de girafa para todos os lados, até desaparecer, descendo pelo despenhadeiro abaixo, onde passava as horas quentes do dia.

Nazário olhou para dentro do Poço e viu que era também muito largo. Contemplou o Soldado de Pedra e, cheio de emoção, lhe falou:

— Nabor, meu pai, aqui estou eu, seu filho. Queira abençoar-me e desejar-me boa sorte.

Ditas essas palavras, sempre invisível, montou na obediente foicinha e pôs-se a descer por aquêle buraco misterioso, em vôo vertical, ou vôo de parafuso, conforme o lugar em que passava. Com muita atenção, foi examinando aquelas furnas e notou que elas formavam um amontoado de riquezas jamais imaginadas. Em algumas dobras das paredes laterais, percebeu a existência de maciços blocos de malacacheta. Mais para o fundo, eram rochas e mais rochas de puro cristal.

Indiferente aos animais que povoavam aquêles lugares, tais como baratas gigantescas, ratos monstruosos, morcêgos imensos e horrorosos, aranhas caranguejeiras peludas e negras, Nazário continuava descendo, maravilhando-se com os diamantes e pedrarias reluzentes, que ia descobrindo, ao passo que descia mais e mais naquele Poço Sem Fundo. A luz do dia não chegava na profundidade em que se encontrava, mas as cintilações das pedrarias iluminavam suficientemente o local. Avistou, então, uma cobra muito grande, amarrada com segurança numa argola natural, que era formada na ponta de um bloco de diamante. Resolutamente, Nazário procurou um sítio onde pousar, achando-o na face superior de um enorme berilo. Do seu abrigo, de pé, começou a observar a cobra colossal. Verificou que a mesma tinha os olhos vasados. Não teve mais dúvida: era a Cobra-Cega. Falou-lhe:

— Cobra-Cega, você não pode me ver, mas pode me escutar. Eu sei que o Ouriço-Monstro a cegou, por saber qual é o ponto vulnerável do seu corpo. Se

me contar o que sabe, eu matarei o Ouriço-Monstro e a libertarei desta prisão. Vivi dez anos na Caverna das

Serpentes e entendo o significado do colear de vocês. Vou cortar o grilhão que a prende nesta argola. Pronto! Está livre! Pode andar. Revele-me o seu segrêdo e será vingada.

Assim que a foice decepou a amarra, a Cobra-Cega, libertada, estremeceu e principiou a rastejar. Enrolou-se, desenrolou-se. Mexeu e remexeu. Enrodilhou-se tôda, soltando apenas a cauda que, no ar, fazia outras evoluções. Depois de algum tempo, tornou-se imóvel, escondendo a cabeça debaixo do pesado rôlo do seu próprio corpo.

— Obrigado, Cobra-Cega. Entendi tudo.

Nazário cavalgou a foicinha e, em sentido vertical, voou para cima, até chegar à superfície do Poço. Meio tonto com a luz do dia, sentou-se perto do Soldado de Pedra e aguardou a volta do Ouriço-Monstro.

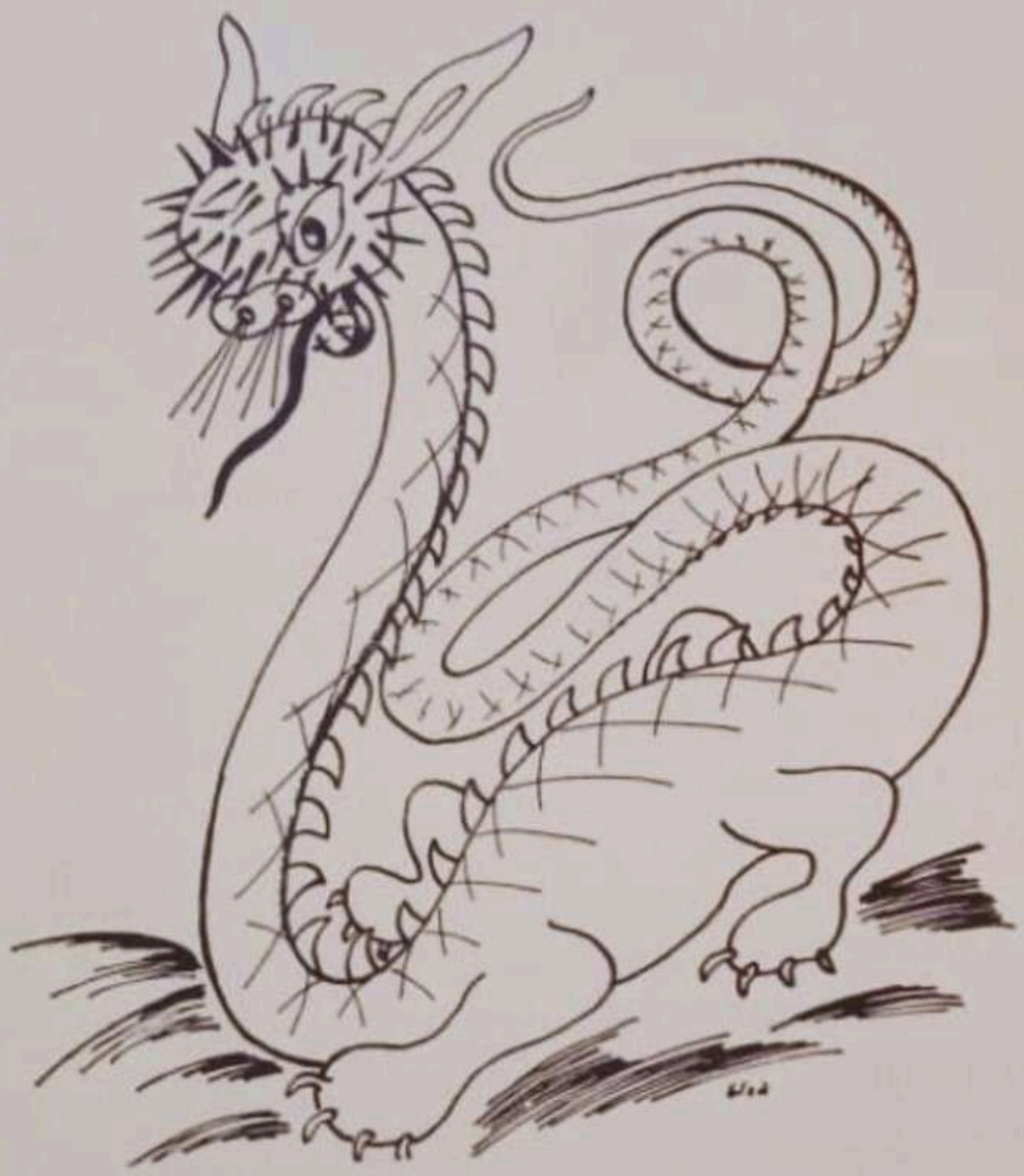
O OURIÇO-MONSTRO

Lá do lado do despenhadeiro veio um barulhão tremendo, no qual se percebia mato a quebrar, pedra a rolar, terra a desmoronar! Tudo indicava que o monstro deveria estar subindo, de volta ao Poço.

Nazário, alerta, pôs-se em guarda. Não quis tornar-se invisível. Por bravura, preferiu lutar com risco de vida. O Ouriço-Monstro o olhou, num desafio, e esticou o pescoço de girafa, para abocanhá-lo de uma só vez. Com todo o sangue frio, Nazário, firme, esperou que o inimigo se aproximasse mais. Traiçoeiramente, o monstro, que vinha andando devagar, deu uma investida rápida contra o rapaz, para atingi-lo de cheio. Célere, Nazário se ergueu no ar, dependurado na foicinha, e o monstro passou por baixo... Surprêso, o Ouriço esticou o mais que pôde o pescoço, a fim de colhêr no ar o seu pequeno e insignificante adversário...

Nazário, que tivera muito tempo para estudar a redondeza, tratou logo de executar seu plano de ataque e defesa. Voou para o alto da pedreira cilíndrica, a qual poderia ter, mais ou menos, uns seis metros de altura. Ali, com o maior desassombro, esperou a chegada do seu temível contendor.

A pedreira tinha a superfície completamente lisa, sem reentrância alguma, ou saliência, onde o monstro pudesse se apoiar para subir. Êste avançou para lá e,



com o corpo no chão, tentou levantar o pescoço até onde estava o rapaz.

Só então, assim de mais perto, Nazário viu como era medonha a caraça do bicho. Espinhos duros e cor-

tantes, côr de fogo, saíam-lhe dos olhos, das ventas, da bôca, das orelhas, da testa e pelo crânio acima, até a nuca.

Atento, cônscio do perigo que corria, Nazário se manteve calmo, na expectativa do momento em que deveria vibrar o golpe mortal. A posição que escolhera lhe era favorável, pois o monstro, por mais que se esforçasse, não conseguia subir na pedra, escorregando-se sem parar.

Após repetidos esforços, o Ouriço-Monstro equilibrou-se um pouco sôbre a cauda, erguendo no ar o colossal corpo, daí resultando quase chegar a cabeça à extremidade superior do cilindro de pedra.

No instante exato em que, num supremo esfôrço, a parte de cima daquela cabeçorra espinhenta ia alcançando o rapaz, Nazário, com mão certeira, ergueu a foice e com ela decepou o espinho que se encravava dentro do ôlho direito de tão gigantesco inimigo.

Sofrendo tal golpe no ponto mortal do corpo, o Ouriço soltou um urro parecido com o ribombo de um trovão, caindo a seguir no chão, a estrebuchar.

Nazário, impetuosamente, voou até o solo. Quase a morrer, o monstro ainda atirou a cauda de jibóia para o lado de seu valente atacante.

Ao desviar-se daquele ataque, Nazário bateu em cima de um objeto cortante, ferindo-se no pé. Pendurou-se na foicinha e voou para o capacete do Soldado de Pedra. Do seu ferimento, o sangue gotejou e correu sôbre a estátua de granito.

Uma surprêsa, a maior, alvoroçou o coração do jovem. Alguém, um homem, agarrou-o pelo braço e puxou-o para longe do Poço. Na terra, em estertôres, o Ouriço-Monstro agonizava.

— Nazário, meu filho! Estou desencantado! Sou Nabor, seu pai. O seu sangue molhou a minha cabeça e eu me desencantei.

Os dois homens caíam nos braços um do outro, enquanto, ali perto, num derradeiro gemido, expirou o Ouriço-Monstro.

Uma claridade intensiva inundou tôda a paisagem. Os homens sentiram os olhos atraídos para a árvore côncava, donde vinham tão ofuscantes luzes. A árvore começou a girar... De verde que era, tomou a coloração completa do arco-íris. Girando, girando, cheia de clarões e de côres, transformou-se em uma saia comprida, muito armada e rodada. No centro da saia, apareceu um majestoso vulto de mulher, que, deslumbrante de beleza, pronunciou estas palavras:

— Nazário, eu te proclamo Rei das Três Tôrres. Meu poder é apenas espiritual. Tu ficas senhor de tôda a Serra e dos tesouros que viste dentro do Poço Sem Fundo.

— Alma da Serra, obrigado! Agora, estou ansioso para que desencanteis as outras pessoas e nos livreis dos outros monstros que dominam estas regiões.

— Nada receies. No momento justo em que o Ouriço-Monstro deixou de existir, caíram mortos, reduzidos a pó, todos os medonhos animais que obedeciam

ao seu comando, inclusive a Cobra-Cega. Êle mesmo, o Ouriço-Monstro, nem morto o podemos ver...

Perto do Poço Sem Fundo, havia apenas uma camada de cinzas que marcava, na grama, o formato do monstro. Um vento soprou forte e varreu para sempre aquêles restos mortais...

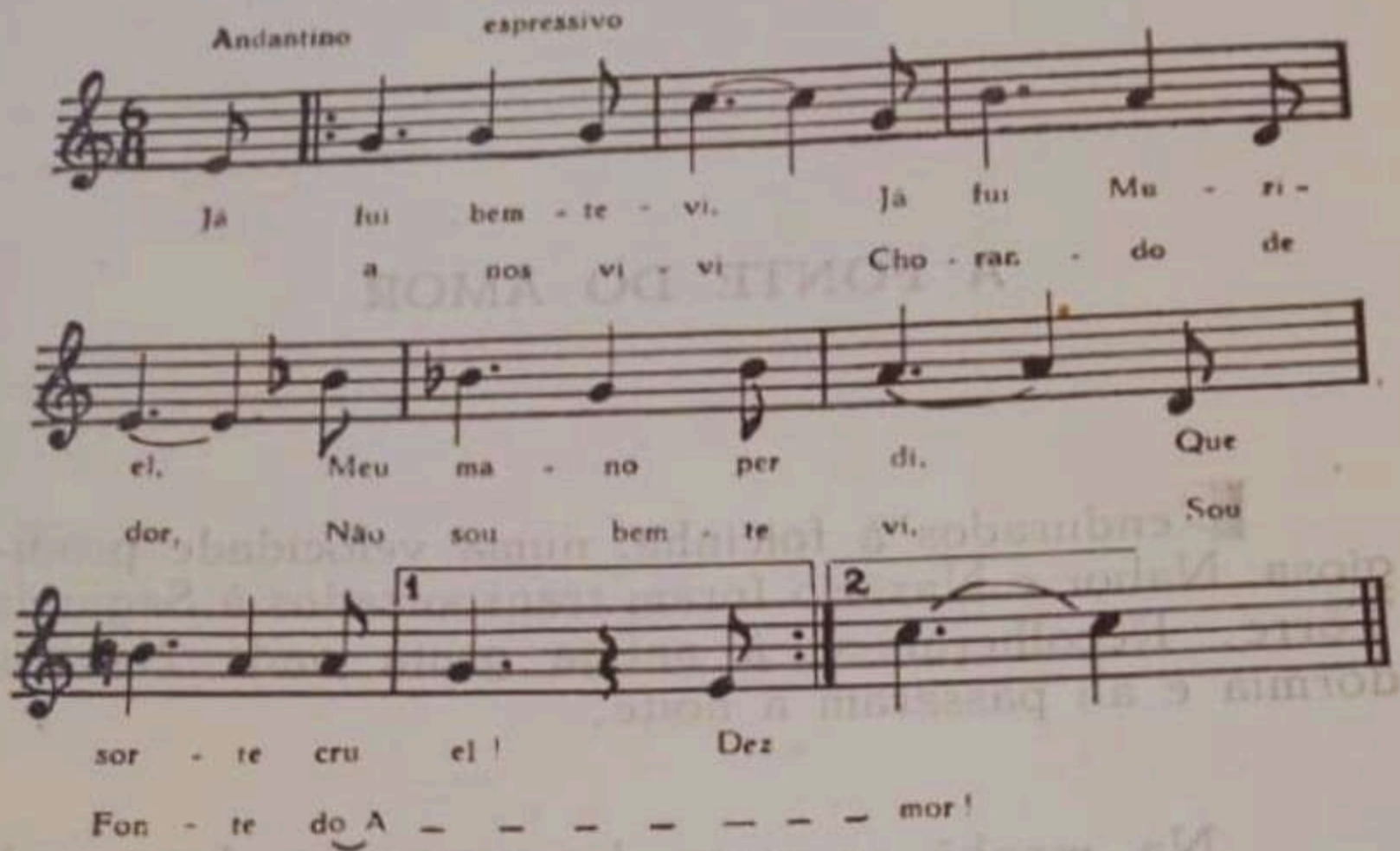
A FONTE DO AMOR

Pendurados à foicinha, numa velocidade prodigiosa, Nabor e Nazário foram transportados à Segunda Tôrre. Recolheram-se à antiga gruta onde Nazário dormia e ali passaram a noite.

Na manhã seguinte, levantaram-se bem cedo para quebrar o jejum. Estavam os dois muito satisfeitos, porém, sua alegria não era completa. Sentiram sêde e saíram à procura de um manancial qualquer. À sombra de floridas e frondosas árvores, encontraram uma fontezinha, cujas águas cantantes deslizavam deliciosamente pela brecha de uma pedra clara e de brilho invulgar. Abaixaram-se para beber na concha das mãos.

— Escute, Nazário! disse Nabor. Afine bem os ouvidos... A gente pode entender o que esta fonte está cantando.

Baixinho, ao ritmo da água corrente, uma voz muito doce foi se destacando, aos poucos, até ser ouvida com nitidez:



Já fui bem-te-vi,
Já fui Muriel,
Meu mano perdi.
Que sorte cruel!

Dez anos vivi
Chorando de dor,
Não sou bem-te-vi,
Sou Fonte do Amor!

Na espuma da correnteza projetou-se a sombra do arco-íris... Alma da Serra surgiu ali e assim falou:

— Foi preciso, Nazário. Logo que tu desapareceste, há dez anos passados, o Bem-te-vi não se conformou com a tua ausência. Embora soubesse que seu regresso à Primeira Tôrre lhe custaria a vida, tentou

fazê-lo. Para salvá-lo, eu o encantei nesta Fonte, à sombra destas árvores.

Alma da Serra agitou sôbre a Fonte a sua flor de brilhante. A água diminuiu, secou e... em cima da pedra apareceu uma lindíssima jovem, com um longo e precioso vestido branco, todo tecido com as penugens alvíssimas das aves brancas do Palácio Natural.

Enfeitando seus longos cabelos, louros e anelados, via-se um diadema de pedrarias, que mais parecia uma coroa de princesa. Os seus pés estavam calçados nuns sapatinhos brancos, de pele de animal, bordados a ouro e brilhantes.

Vividos os primeiros minutos de susto e enlêvo, Nazário, fascinado, adiantou-se para a formosa imagem:

— Muriel, minha querida Muriel! Você cresceu! Está uma linda moça! Agora, mais do que nunca, eu poderei chamá-la minha Bela Princesa!

— Nazário, é você? Que diferença! Como está alto e forte! Você está um bonito rapaz! Que alegria, meu irmão!

— Não, Muriel, não sou seu irmão. Nós fomos criados juntos, mas não somos irmãos. Seu pai é Canuto. O meu aqui está: é Nabor.

— Nazário! Que novidade é essa? Não compreendo nada!

— Compreenderá depois. O importante, no momento, é que estamos livres! Já podemos regressar à Primeira Tôrre. Pense bem, Muriel! Nós vamos voltar juntos para o lado dos nossos pais Canuto e Perpétua!

Com êste pensamento, os dois jovens se abraçaram, cheios de felicidade! Depois dêsse abraço, Muriel notou que Nazário estava ricamente vestido e calçado, como se fôra um príncipe legítimo. O milagre se fizera naquele mesmo instante, pois bem se lembrava de tê-lo visto, a princípio, com outro traje e sem sapatos. Alma da Serra estava presente... A sua voz se alteou:

— Muriel, tu serás a Rainha das Três Tôrres. Eu te ofereço a minha Flor de Bhilhante. Leva-a! Por onde passares com ela, tudo que estiver encantado se desencantará. É bastante que a agites no ar.

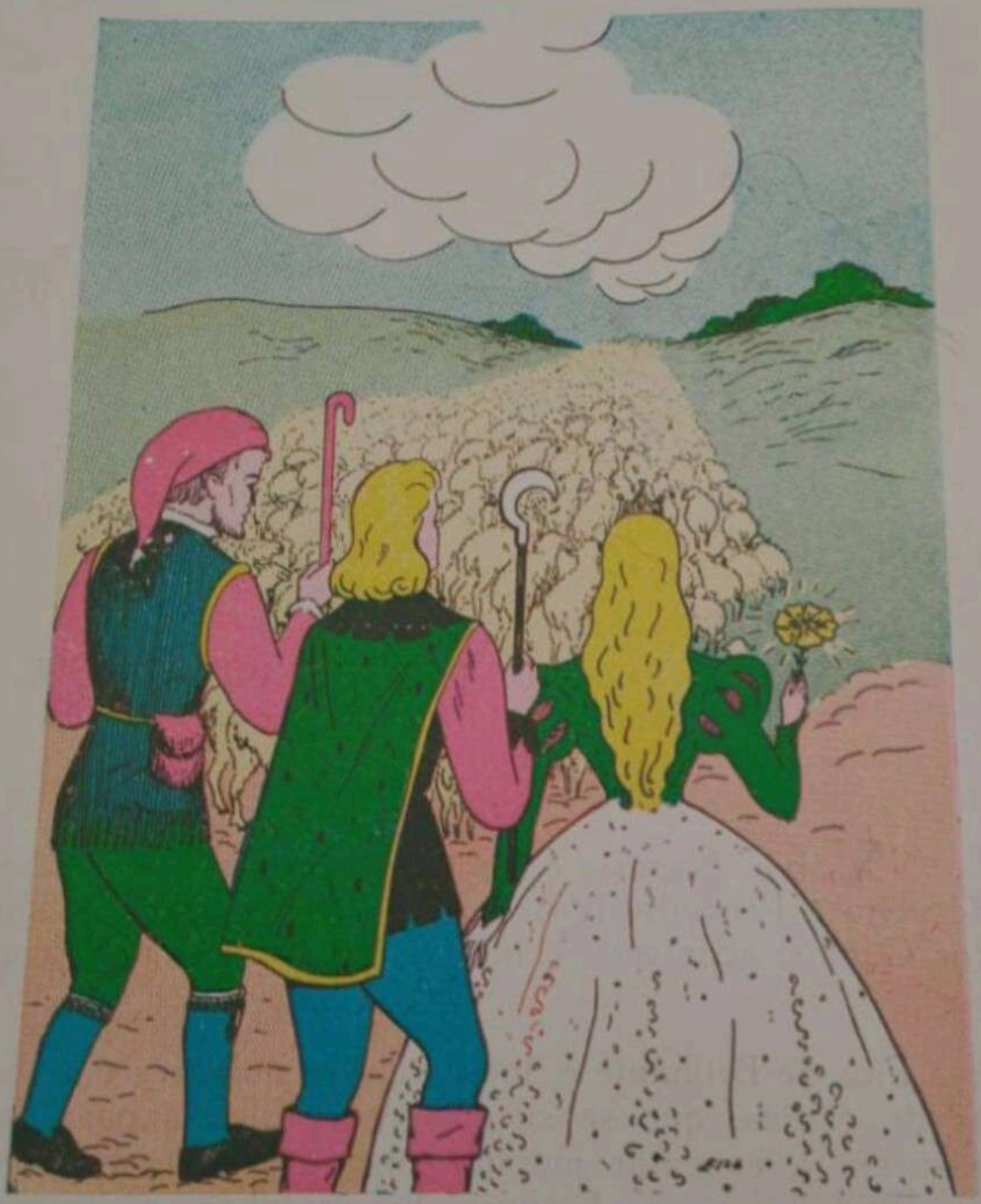
Ditas estas palavras, a Fada, qual luz que se apaga, tornou-se invisível...

Nazário, em seguida, olhou para Muriel, para aquêles olhos meigos e azuis, para aquelas faces rosadas, para aquela esplêndida beleza de moça, e, bem do íntimo do coração, comparou-a a uma fada, que, dali em diante, se encarregaria de fazê-lo para sempre feliz!

A FLOR DE BRILHANTE

Nabor, Nazário e Muriel puseram-se a caminho, de volta à Primeira Tôrre. Ao passarem pelo Planalto dos Cupins, aconteceu o inesperado. Muriel agitou no

ar a Flor de Brilhante e, logo, aquêles milhares e milhares de cupins, que se sucediam em fileiras paralelas, passaram a executar movimentos giratórios, mudaram de côr, tornaram-se brancos, branquinhos, começando depois a... berrar!...



Os carneiros que há mais de cem anos vinham desaparecendo da Primeira Tôrre, ali apareceram de improviso, desencantados pelo poder da Flor de Brilhante. Alma da Serra os encantara em cupins, para salvá-los do Ouriço-Monstro e seus companheiros, que certamente os teriam devorado.

Ante um rebanho tão grande, nunca visto, impossível de ser contado, Nabor, Nazário e Muriel, sentindo renascer nas suas almas o desejo de pastorear, sem mesmo entrarem em qualquer entendimento a respeito, entregaram-se à tarefa de tanger aquela massa branca e movediça, que era um verdadeiro encanto para seus olhos e seus corações.

Mansos e alegres, subindo e descendo montes, os carneiros iam andando à frente, sujeitando-se à voz de comando dos novos e decididos pastôres. Dentro de algumas horas, detiveram-se todos na GARGANTA DO MISTÉRIO.

Nazário reconheceu o espinheiro avermelhado, onde estivera espetado um dia. Pousado num dos seus galhos, cantava um canarinho do peito amarelo. Maravilhada com o lindo pássaro, Muriel quis pegá-lo, e, sem querer, sem mesmo perceber o que fazia, abanou-o com a Flor de Brilhante.

O espinheiro se desfez em um segundo. No seu lugar surgiram dezenas de pessoas que até então se achavam encantadas em forma de espinhos. Vozes! Alegria! Confusão! De repente, dois gritos triunfantes:

— Sabina!

— Nabor!

Nabor e Sabina se abraçaram felizes, com uma saudade de mais de vinte anos! Nazário, comovido, recebeu, pela primeira vez, a bênção de sua verdadeira mãe. Tanto Nabor como Sabina haviam envelhecido, mas, mesmo assim, o filho se orgulhava de os ver ainda fortes e bonitos.

No alvorôço daqueles primeiros instantes, mais uma surprêsa seria oferecida a todos. Em pleno esplendor de sua beleza e de sua bondade, Alma da Serra passou voando no espaço, a pouca altura, visível a todos os olhares. Ao passar sôbre a cabeça de Sabina, deixou cair nas suas mãos, a manga da camisinha de penas que Nazário vestira ao nascer.

— Nazário, meu filho! exclamou Sabina. Agora já tenho a prova de que sou sua mãe.

Muriel viu e ouviu tudo, sem no entanto compreender a fundo tão estranhos acontecimentos.

Sùbitamente, duas interrogações cortaram o ar:

— Onde está a minha Foicinha Voadora?

— Onde está a minha Flor de Brilhante?

Nazário e Muriel se olharam admirados! Caindo na realidade, porém, perceberam que Alma da Serra, ao esvair-se nos ares, arrebatara-lhes das mãos, para sempre, os seus dois inesquecíveis talismãs.

Um grande silêncio reinou entre os presentes! Até os carneiros estavam mudos, como se sentissem a transição de dois mundos diversos...

Verdadeiramente, já ficara para trás, no passado, aquela vida de encantamento, de que todos ali haviam participado...

A Foicinha Voadora e a Flor de Brilhante só existiriam, dali para o futuro, na memória e no coração de todos os desencantados e dos seus numerosos descendentes.

Para Nazário e Muriel, elas seriam mais... muito mais do que uma simples lembrança... Chamavam-se SAUDADE!...

O REINO DAS TRÊS TÔRRES

Alguns pastôres guardavam um rebanho no VOLTA AGORA, quando ouviram um vozerio animado e o som de muitos passos vindos das bandas do bambual. Assustados, pensavam em fugir, mas, refletindo melhor, resolveram verificar de que se tratava. Agindo dessa maneira foram testemunhas de um fato que ficaria memorável na história do seu povo.

Pela PORTA DO SUMIÇO viram surgir um belo mancebo, trajando roupas sedosas e coloridas, dando o braço a uma princesa maravilhosa, em riquíssimo vestido branco.

Dois ou três dos pastôres, por serem mais velhos do que os outros, ao darem com os olhos em Nabor e em Sabina, logo os reconheceram.

Entre muitos dos homens que acompanhavam os dois pares, também distinguiram velhos amigos, como Ambrósio, Antão, Macabeu, Timóteo e tantos outros.

Mais surpreendidos ficaram os pastôres, no momento em que a carneirada foi aparecendo. Em massa compacta, com sua lã muito alva e crêspa, os carneiros e as ovelhas se empurravam com sofreguidão, na ânsia de se recolherem ao antigo aprisco.

Os pastôres do VOLTA AGORA quase não podiam acreditar no que viam. Para êles, era tudo um milagre. Tiraram das cabeças os velhos gorros e se ajuntaram, com prazer, ao triunfal cortejo.

Por todo lugar que passavam, os moradores abandonavam os afazeres e engrossavam aquela procissão.

Ao cabo de uma boa caminhada, avistaram a grande casa de pedra e madeira, na qual Nazário e Muriel haviam gozado a vida infantil.

Canuto e Perpétua, com os cabelos já brancos pela idade e pelos desgostos, surgiram lá no alto do terreiro.

Nazário e Muriel correram o quanto lhes foi possível e caíram em pranto nos braços dos seus saudosos pais. Os quatro entes queridos tanto riam como choravam! A felicidade quase os matava de emoção. Terminadas as primeiras expansões, Nazário apresentou Nabor e Sabina, como seus pais, a Canuto e Perpétua. Houve estranheza e dúvida.

— Dona Perpétua, disse Sabina, a senhora tem em seu poder a camisinha de penas que Nazário vestia, no dia em que foi enjeitado à sua porta. Nessa peça deve faltar qualquer cousa. Peço-lhe que vá buscá-la, pois estou em condições de completar aquilo que lhe falta.

Perpétua entrou em casa e pouco depois estava de volta, com a roupa de penas entre as mãos.

Todos os presentes viram que a camisola se completou às maravilhas, com a manga do braço direito, apresentada por Sabina.

Ninguém mais duvidou. Muriel, radiante com aquêle esclarecimento, voltou-se para Nazário e lhe disse:

— Agora compreendo! Nós nos criamos juntos, mas não somos irmãos.

— Muriel, respondeu Nazário, o Reino das Três Tôrres precisa de uma rainha. Você será a minha amada espôsa!

Semanas depois, com aprovação geral, em meio a grandes festas, celebrou-se o casamento de Nazário e Muriel, que, em seguida, foram coroados reis.

Com elevado espírito de justiça, ambos dividiram os imensos rebanhos entre os antigos e novos moradores da Primeira Tôrre. Essa medida causou um regozijo geral.

Conhecedores que eram das regiões conquistadas, os bondosos reis, em poucos anos, fizeram surgir cidades e aldeias que subiam e desciam pelas montanhas das Três Tôrres.

No alto da Terceira Tôrre construíram o Palácio Real. O Poço Sem Fundo fornecia riquezas para todos os empreendimentos que idealizavam.

O Palácio Natural ficou sendo o ponto máximo de atração para tôdas as pessoas que visitavam o novo reino.

Tôda a gente se sentia feliz! O trabalho, a alegria e a confiança faziam do Reino das Três Tôrres uma ilha de paz, no meio das guerras que ensangüentavam o mundo.

Nazário e Muriel, muito felizes, reinaram com sabedoria, sempre cercados da amizade, admiração e agradecimentos de seu querido povo.

Sentia-se que alguma cousa fora do comum dominava os ares, espaço além, estabelecendo o amor e a união entre as criaturas.

Pelos séculos afora respeitou-se a tradição de que um espírito bom governava os atos dos homens e animais, assim como influía no ar, nas águas, nas plantas e no tempo.

Dizia-se que a Serra tinha alma, e que a alma da Serra, imortal, trazia a todos o encanto de uma vida bela, cheia de poesia...

E o Reino das Três Tôrres ficou conhecido como um país ideal, onde seus visitantes e moradores, diàriamente, gozavam a infalível renovação de uma perfeita e deliciosa alegria de viver!